

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA

CÂMPUS DE PRESIDENTE PRUDENTE – SP

JAPONESES AQUI, BRASILEIROS LÁ? :
UMA LEITURA SOBRE (E DOS) DEKASSEGUIS

MILTON SAITO
Geógrafo

Dissertação de Mestrado elaborada junto ao Curso de Pós-Graduação – Área de concentração: Desenvolvimento Regional e Planejamento Ambiental, para obtenção do título de mestre em Geografia.

Presidente Prudente
2003

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA

CÂMPUS DE PRESIDENTE PRUDENTE – SP

**JAPONESES AQUI, BRASILEIROS LÁ? :
UMA LEITURA SOBRE (E DOS) DEKASSEGUIS**

“MILTON SAITO”

Geógrafo

Orientador: Prof^o Dr^o Armando Pereira Antonio

Dissertação de Mestrado elaborada junto ao Curso de Pós-Graduação – Área de concentração: Desenvolvimento Regional e Planejamento Ambiental, para obtenção do título de mestre em Geografia.

Presidente Prudente
2003

Dedico com carinho esta etapa de estudos aos meus queridos pais, Amélia Saito e João Saito Padoa, a minha irmã Sônia Maria Aparecida Saito, por não medirem esforços para a minha iniciação nos estudos. À Cristiane Leiko Nagafuti, pela confiança, apoio, segurança, carinho e paixão no decorrer da organização de todo o trabalho de pesquisa.

“Nas condições atuais, o cidadão do lugar pretende instalar-se também como cidadão do mundo. A verdade, porém, é que o ”mundo“ não tem como regular os lugares. Em consequência, a expressão cidadão do mundo torna-se um voto, uma promessa, uma possibilidade distante. Como os atores globais eficazes são, em última análise, anti-homem e anticidadão, a possibilidade de existência de um cidadão do mundo é condicionada pelas realidades nacionais. Na verdade, o cidadão só o é (ou não o é) como cidadão de um país.”
(MILTON SANTOS, 2001:113).

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, minha sincera gratidão a *Cristiane Leiko Nagafuti*, esposa, companheira e participante direta de todos os momentos do trabalho. Em território japonês não economizou esforços nos trabalhos de tradução, entrevistas, aplicação de questionários e, posteriormente, no custeio da pesquisa.

Em especial, agradeço aos brasileiros residentes no Japão pela atenção, paciência e compromisso com a verdade no momento de responder os extensos formulários expondo parte da experiência de vida no Japão.

Ao *Prof. Dr. Armando Pereira Antonio* pelo trabalho de orientação e incentivo em todas as etapas da pesquisa, inclusive orientações via fax e telefone quando o pesquisador ainda residia como *dekasegui* no Japão.

Ao co-orientador Professor José Barreira, da Universidade Estadual de Londrina (UEL), pelo envio e indicação de material, quando o autor ainda se encontrava no Japão. Após o processo de qualificação, ofereceu, ainda, subsídios para a conclusão do trabalho. Também da UEL, a Prof^a Alice Asari, pelas contribuições no momento da qualificação.

Aos amigos da família Guibu: Hideo, Rosa Kunioishi, Rogério Seiji, Cristina Yumi e, em especial, Gelson Yoshio, pelo incentivo à realização da pesquisa.

Ao Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), pelo fomento e apoio logístico em uma das fases deste estudo. À Prof^a Maria Encarnação Beltrão Spósito, por entender as dificuldades no meu retorno e readaptação no Brasil.

Aos sociólogos Sebastião Jorge Chamme e Umberto Pessoto.

À Prof^a Livre Docente Lili Kawamura pela colaboração, ainda, em território japonês.

À Maria Edileuza Fontenelle Reis, Consulesa Geral Adjunta do Brasil em Tóquio, pela disposição de dados pertinentes à pesquisa.

Ao Ministério do Trabalho do Japão, (Centro Nikkey de Tóquio), na pessoa de Satomi Sasaki e toda equipe administrativa do Centro Nikkey de Tóquio.

Aos superintendentes que atuaram no Ciate (Centro de Informação e Apoio ao Trabalhador no Exterior) do Brasil, Shozo Otagawa e Kikuo Taichiiri, e a Akihiko Tanaka, presidente na gestão 2002.

Ao CIATE de São Paulo, na figura de seu presidente, o Prof. Dr. Masato Ninomiya pela grande colaboração, e aos consultores, Dr. Ricardo Sasaki, Helena Sanada e Eliane N. N. Sokei.

A todos os membros colaboradores da ex-unidade do CIATE de Presidente Prudente, São Paulo.

À Kelly Nakajima, responsável pelo Balcão Sebrae BB de Tóquio pelas informações e dados oferecidos.

Ao biólogo e amigo Sérgio Massao Uezo pela digitação dos questionários.

Ao geógrafo Osvaldo Eda por contribuir para a reflexão da pesquisa.

Aos jornalistas no Japão: Mario Kodama e Cristiane Tobace, pela divulgação da pesquisa nas províncias, o que contribuiu para a aplicação dos questionários junto aos *dekasseguis*.

Aos jornalistas no Brasil: Luiz Augusto Pires Batista, José Roberto Prioste, Adernil de Souza, Marcos Tadeu, Reinaldo Ruas, Hélio Carreiro, Osvaldo Torino, Altino Correia, Marcelo Setoguti, Paulo Hashinaga, Rubens Shirassu, José Rubens Shirassu, Homero Ferreira, Mário Peretti, Cristiano Machado e Airton Roberto Messinetti, que abriram espaço para discussão e reflexão sobre o tema.

Nas relações de fábrica, os trabalhos de tradução, ainda em fase de dificuldades na comunicação, foram superados pelos amigos Terada e Hirata, da empresa Kubota Tratores, da unidade de Ibaraki-Ken, na cidade de Tsukuba, como também dos amigos da Hadano Paper Center, em Kanagawa-ken (província) na cidade de Hadano. Em especial, aos amigos Celso Assoda, Lúcia Assoda, Okuno, Aparecida Okuno, Aldo Kodama, Márcia Kodama e, ainda, à família Onodera.

Ricardo Luís Barbosa, pela assessoria nos cálculos e conhecimentos de computação.

Aos membros da Associação Cultural Okinawa Kenjin Kai, nas pessoas de Pedro e Elza Gushiken e respectivas famílias.

Aos psicólogos do grupo de estudos “San Rise”, sobre a coordenação do Dr. Décio Nakagawa.

Aos funcionários do curso de pós-graduação, Ana, Márcia, Marcos, Pedro, Erinati e Walmir. A Maria Shigueko Akinaga Botti, pelo auxílio na elaboração do Mapa.

Aos Professores Benjamin Watanabe e Sonia Hernandez Watanabe, pelas aulas e assessoria nas traduções em japonês e à amiga de tantos momentos de estudos em língua japonesa, Ana Regina Kusano.

Agradeço com carinho à Prof^ª Dra. Maria Helena Pereira de Oliveira, que acompanha minha trajetória desde o início da graduação, participando como co-orientadora e oferecendo grande colaboração e incentivo pessoal para a conclusão da pesquisa. Ao Prof. Carlos Freixo, que não mediu esforços para as correções em língua portuguesa.

Aos amigos Alécio Rodrigues, Antonio Thomaz Júnior, Claudemira Azevedo Ito, Francisco Carlos de Francisco, João Osvaldo Nunes, José Augusto da Silva, Manira Mie Okimoto, José Paulino, Valdomiro, Marcos, Neide, Eveli Retalle Mello dos Santos, César Eugênio Gomes da Silva, Gláucia Peretti, Vitor José Bazzo, Sueli de Carvalho Bazzo, Marcelo Ravazzi Tesine e Ivanilda de Araújo Lima, e a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização da pesquisa. Peço desculpas a qualquer omissão de nomes de pessoas, às quais apresento minha eterna gratidão.

SUMÁRIO

Página:

Lista de Gráficos.....	vii
1. RESUMO.....	1
2. ABSTRACT.....	3
3. INTRODUÇÃO.....	4
4. CAPÍTULO 1 A Vinda dos Japoneses para o Brasil.....	14
5. CAPÍTULO 2 A Saída dos Brasileiros para o Japão.....	22
2.1 Aspectos motivadores do processo emigratório.....	22
2.2 As primeiras impressões e informações sobre o cotidiano.....	24
2.3 O Projeto de retorno ao Brasil.....	30
6. CAPÍTULO 3 As Primeiras Dificuldades em Território Japonês.....	34
3.1 Os Problemas enfrentados na Adaptação.....	34
3.2 As Perspectivas.....	38
7. CAPÍTULO 4 Retorno e Readaptação no Brasil.....	47
4.1 Pés no Brasil e a Cabeça no Japão.....	47
8. CONCLUSÃO.....	53
9. BIBLIOGRAFIA.....	61
10. ANEXO.....	69
11. FORMULÁRIO.....	70

LISTA DE GRÁFICOS

	Página
Gráfico 1 – Qual o fator decisivo para a sua ida ao Japão?.....	22
Gráfico 2 – Mudança nos planos.....	23
Gráfico 3 – Tipos de Informação sobre o país.....	25
Gráfico 4 - Já sofreu ou presenciou algum tipo de acidente de trabalho?.....	36
Gráfico 5 - Está filiado algum tipo de seguro saúde?.....	37
Gráfico 6 - Quanto tempo mais pretende ficar no Japão?.....	48
Gráfico 7 - Quando veio pretendia ficar?.....	48
Gráfico 8 - Pretende fazer ou fez algum curso no Japão?.....	51
Gráfico 9 - Pretende retomar os estudos quando voltar ao Brasil?.....	51
Gráfico 10 - Sexo.....	52

1 – RESUMO

Um dos fenômenos geográficos mais evidentes neste final do século XX e início do XXI – objeto de pesquisa de cientistas sociais, e excessivamente explorado pela mídia – são os deslocamentos populacionais sobre o globo terrestre.

No intuito de investigar o fenômeno *dekassegui* “in loco”, buscamos nesta pesquisa emigrar para o Japão, e viver nas mesmas condições da grande maioria dos 270 mil brasileiros que hoje lá residem.

Desse modo, já com saudades das coisas do Brasil, o pesquisador ao se deparar com uma música do cantor e compositor Gilberto Gil, onde o poeta expressa: “(...) do Japão, quero uma máquina de filmar sonhos...”, (**Do Japão**, composição de Gilberto Gil e Celso Fonseca do cd: “O Eterno Deus Mu Dança”, 1989, Warner Music.) sentiu pela primeira vez, que seu sonho, poderia se transformar em pesadelo.

Assim, pôde indagar: que tipo de sonhos as máquinas japonesas produzem para alimentar a emigração dos *dekasseguis*? Considerados japoneses aqui, por quais razões são tratados como brasileiros lá? Ou melhor, brasileiros aqui e *dekasseguis* lá?

Portanto, a pesquisa em pauta surge da experiência empírica, aos moldes dos feitos dos primeiros geógrafos e tem, como objetivo, compreender como os *dekasseguis* lidam com a crise de identidade, de serem tratados como, “Japoneses Aqui, Brasileiros Lá?: Uma Leitura Sobre (e dos) *Dekasseguis*”.

Outro fato chama a atenção neste contexto. É que agora, os descendentes de japoneses no Brasil, em decorrência da forte influência do movimento emigratório, são associados como *dekassegui*, o que acaba acentuando ainda mais a crise de identidade. Por sua vez, essa designação, não agrada aos nikkeis, componentes da colônia nipo-brasileira, clubes ou associações afins.

Como estratégia teórico-metodológica de levantamento de dados primários, elaboramos um questionário/formulário abordando questões sobre a mobilidade ocupacional, territorial, educacional e as possibilidades de ascensão social dos entrevistados no Japão ou no retorno ao Brasil.

Outras características, como a obtenção de uma nova identidade e cidadania, seja nas relações trabalhistas, lazer, perspectivas e tendências futuras sobre o mercado de trabalho ou a possibilidade de fixação definitiva, foram resgatadas e analisadas.

Por fim, os resultados da pesquisa demonstraram que a falta de planejamento, conhecimento sobre a cultura japonesa e domínio do idioma, afetam

diretamente o comportamento dos *dekasseguis* e suas relações, seja na fábrica, espaço de moradia ou na sociedade como um todo.

As dificuldades na comunicação diária com o cidadão japonês, decorrentes da falta e domínio da língua, de tempo e/ou escolas para estudos, como outras limitações provenientes da excessiva jornada de trabalho em função da diversificação de turnos e horários, somadas à resistência destes por se sentirem brasileiros, acabam por transformá-los em seres revoltados e isolados da sociedade japonesa.

Desesperado, na busca de encontrar sua verdadeira identidade, procura ouvir música brasileira, ingerir comidas típicas, expressar-se através de hábitos e costumes do Brasil, às vezes causando problemas de relacionamento de forma geral, levando-os a cometer insultos e passando por situações desagradáveis, obrigando até a intervenção policial.

Infelizmente, a crise de identidade mantém-se no retorno ao Brasil, pois aqui, serão tratados como japoneses. Mas, diante da primeira dificuldade, esquecem os problemas vividos anteriormente, e muitos acabam retornando ao Japão, onde novamente podem sofrer as mesmas conseqüências da primeira experiência, caso ignorem e não evoluam na forma de enfrentar a vida no Japão.

2 - ABSTRACT

One of the most evident geographical phenomenon in the end of 20st Century on the earth is certainly the populational movement from one country to another. The dekassegui phenomenon, known as the Brazilian Japanese descendants temporarily working in Japan is also one of them.

The aim of this paper is study the “Identity Crisis” suffered by these descendants while working in Japan, considered as “Japanese here and Brazilians there”. The researcher went to Japan in order to implement the project and to better understand the objective and subjective aspects of this phenomenon by an application of empirical methods such as questionnaires and interviews.

This study indicates that the identity crisis among them is very clear in Japan as well as in Brazil after they return to their home land. It was also detected a new trend among the dekassegui phenomenon which is the permanent settlement in Japanese territory.

3 - INTRODUÇÃO

Nas condições atuais, o cidadão do lugar pretende instalar-se também como cidadão do mundo. A verdade, porém, é que o "mundo" não tem como regular os lugares. Em conseqüência, a expressão cidadão do mundo torna-se um voto, uma promessa, uma possibilidade distante. Como os atores globais eficazes são, em última análise, anti-homem e anticidade, a possibilidade de existência de um cidadão do mundo é condicionada pelas realidades nacionais. Na verdade, o cidadão só o é (ou não o é) como cidadão de um país. (MILTON SANTOS, 2001:113).

Um dos fenômenos geográficos mais evidentes nesse final do século XX e início do XXI – objeto de pesquisa de cientistas sociais e excessivamente explorados pela mídia – são os deslocamentos populacionais sobre o globo terrestre.

Em ritmo acelerado, por força do avanço técnico-científico, as correntes migratórias atuais desafiam fronteiras, costumes, hábitos e tradições, causam problemas de ordem social para os países receptores, como conflitos no país de origem, no momento da saída e no retorno.

No entanto, a migração de descendentes de japoneses do Brasil para o Japão possui aspectos peculiares quando comparada à migração de brasileiros para o restante do mundo. A começar pelo caráter de sua consangüinidade, ou pela forma de tratamento: são os *dekasseguis*.

Reis afirma que o significado da palavra “(*de+kassegui*)” origina-se de um neologismo formado a partir dos ideogramas japoneses que expressam as formas infinitivas dos verbos “*deru*” (sair) e “*Kassegui*” (trabalhar). Em japonês, no entanto, “fazer *dekassegui*” implica buscar, fora do seu ambiente nativo, trabalho para o sustento e poupança. Uma expressão utilizada no Japão desde os tempos feudais, quando camponeses migravam internamente, de uma região para outra, em busca de trabalho temporário”. (Reis 2001:17)

Pode-se afirmar que o “fenômeno *dekassegui*” é um tipo de manifestação social nova para a realidade brasileira e japonesa. Até meados dos anos 80, o Brasil era um país receptor de imigrantes, ao contrário de hoje, cujo aumento do fluxo emigratório cresce e

sinaliza para uma nova tendência, a da fixação definitiva em territórios de países receptores, a exemplo do Japão.

Reis (2001) afirma que a emigração de brasileiros vem sendo qualificada como fenômeno por significar um fato novo, surpreendente. São ainda poucos os trabalhos que analisam com profundidade a questão do rápido crescimento do número de patrícios que se dirigem para diferentes países em busca de melhores condições de vida.

No intuito de investigar esse fenômeno “in loco”, buscou-se nessa pesquisa emigrar para o Japão, vivendo nas mesmas condições que a grande maioria dos 270 mil brasileiros que lá residem, atualmente.

Dois fatores contribuíram para essa decisão. O primeiro, que o pesquisador, por ser descendente de japoneses em primeiro grau (nissei), ao observar o comportamento dos *dekasseguis* no retorno ao Brasil, também se sentira atraído pela possibilidade efetiva de consumo e aquisição de bens materiais manifestados por estes no retorno ao país. O segundo fator, foi a atenção dada pela mídia ao fenômeno. Apesar de uma série de denúncias sobre problemas relativos à discriminação, dentre outros, a experiência como *dekassegui*, ocorrida no período de 1994 a 1998, demonstrou não ser tão crítica e nefasta.

Como Nikkei, apesar dos traços característicos ocidentais, o pesquisador, que no Brasil, desde sua infância recebeu por diversas ocasiões a denominação de “japonês”, mesmo tendo cidadania brasileira, sofreu o primeiro impacto em território nipônico ao ser reconhecido como “gaijin” (estrangeiro).

Reis afirma que “a palavra Nikkei designa os descendentes de japoneses no exterior – o japonês étnico. Resultam da combinação dos ideogramas Nichi (Japão) e kei (elo) para definir ligação pelo sangue com o povo e a cultura japonesa. O termo aqui é utilizado para definir os imigrantes e seus descendentes. Em sentido amplo, designa também empresas japonesas no exterior”. (2001:21)

Porém, as surpresas não cessaram. Por não ter domínio do idioma e apenas expressar-se através de formas de tratamentos básicos, com o tempo, o pesquisador descobrira que apesar de ser brasileiro, *dekassegui* e *nikkei*, pouco apoio legal receberia da parte do Estado brasileiro e japonês se fosse demitido pela empreiteira (empresa de contratação de mão-de-obra para o Japão) como posteriormente ocorreu. Assim, teria poucas chances de sobreviver, podendo passar por necessidades impensáveis quando se planejara para a empreitada.

Desse modo, já com saudades das coisas do Brasil, o pesquisador ao se deparar com uma música do cantor e compositor Gilberto Gil, cujo poeta expressa: “(...) do

Japão, quero uma máquina de filmar sonhos...”, (Do Japão, composição de Celso Fonseca e Gilberto Gil, do cd “O Eterno Deus Mu Dança”, Warner Music.) sentiu pela primeira vez que, seu sonho, poderia se transformar em pesadelo.

Então, pôde refletir: que tipo de sonhos as máquinas japonesas produzem para alimentar a emigração dos *dekasseguis*? Considerados japoneses aqui, por quais razões são tratados como brasileiros lá? Ou melhor, brasileiros aqui e *dekasseguis* lá?

Portanto, a pesquisa em pauta surge da experiência empírica, aos moldes dos feitos dos primeiros geógrafos e, tem como objetivo compreender como os *dekasseguis* lidam com a crise de identidade, de serem tratados como, “Japoneses Aqui, Brasileiros Lá?: Uma Leitura Sobre (e dos) Dekasseguis”.

Oliveira afirma que estes nikkeis “uma vez nascidos no Brasil, possuem o direito de serem cidadãos brasileiros, e de fato o são, tanto pelo nascimento quanto em comportamento. Entretanto, tais descendentes, por portarem características físicas semelhantes às dos cidadãos japoneses, uma vez que o isolamento da colônia produziu um grande número de casamentos entre “os seus iguais”, são identificados até hoje como “japonês”. Na sociedade brasileira e na própria “colônia japonesa”, é fato corriqueiro e passa como que despercebida a denominação dessas pessoas, que nasceram no Brasil, falam português e se comportam culturalmente como brasileiros, mas são chamados e considerados japoneses, não importando a que geração pertençam e quão distantes estejam hoje da cultura japonesa”. (1999:279)

Outro fato chama a atenção no contexto: Presentemente, os descendentes de japoneses no Brasil, em decorrência da forte influência desse movimento emigratório, são vistos como *dekassegui*, o que acaba acentuando ainda mais a crise de identidade. Por sua vez, essa designação não agrada aos nikkeis, integrantes da colônia, de clubes ou de associações afins.

Nessa perspectiva, buscou-se na pesquisa, uma melhor compreensão das relações dos nikkeis (*dekasseguis*), com os nikkeis (não *dekasseguis*). Os registros revelaram-se inicialmente pouco promissores para os *dekasseguis*. Os *kaikans* (associações e clubes) não possuem projetos contínuos e pouco se interessam pelo aprofundamento das discussões neste sentido. Suas contribuições podem ser resumidas, uma vez ou outra, na concessão de espaço para eventos como seminários e simpósios sobre a questão. Porém, são ínfimas e pecam pelo esvaziamento e falta de comprometimento.

Apesar de poucas e raras, essas iniciativas são importantes e tendem a ser ampliadas por pressão exercida por alguns *dekasseguis* após o retorno ao país. Tais

observações foram realizadas no período de (1998 a 2002) em Álvares Machado, Presidente Prudente e Assis no Estado de São Paulo. Coletou-se material para a análise nos Kaikans de Presidente Prudente (São Paulo) e Londrina (Paraná).

Contudo, foi fundamental para a pesquisa a opção de trabalhar como *dekassegui*, desenvolver parte da pesquisa em território japonês e acompanhar a assimilação ou rejeição dos nikkeis diante da crise de identidade após o retorno ao país, através da participação nas associações nikkeis. Ou seja, buscar na práxis (empiricamente), na condição de sujeito/objeto um melhor entendimento sobre este fenômeno de deslocamentos apreendendo também, aspectos subjetivos em torno da verdadeira essência do “fenômeno *dekassegui*”.

A experiência de trabalho no Japão como *dekassegui* ocorreu de dezembro de 1994 a junho de 1998, período em que o pesquisador desempenhou – terceirizando sua força de trabalho através de empreiteira – o cargo de torneiro mecânico na empresa “Kubota Tratores”, localizada no município de Tsukuba (província de Ibaraki). Após ser demitido pela empreiteira, foi posteriormente contratado pela empresa “Hatano Paper Center”, no município de Hadano (província de Kanagawa) para funções diversas, desta feita com regime contratual direto, sem intermediários (Chain) – emprego vitalício.

Como estratégia teórico-metodológica de levantamento de dados primários, preparou um questionário/formulário abordando questões sobre a mobilidade ocupacional, territorial, educacional e as possibilidades de ascensão social dos entrevistados no Japão ou no retorno ao Brasil.

Outros fatores como a construção de uma nova identidade e cidadania, seja nas relações de trabalhistas, lazer, perspectivas e tendências futuras sobre o mercado de trabalho ou a possibilidade de fixação definitiva, também foram resgatadas e analisadas.

Para a coleta dos dados e informações, o autor trabalhou com um universo total de 100 unidades de questionário/formulário, do qual estimava o retorno mínimo de 50%.

Porém, a previsão foi superada. Comprometidos com a melhora das condições de vida dos brasileiros no Japão, os 100 participantes da pesquisa concretizaram a devolução de 120 unidades, porque alguns dos colaboradores reproduziram por conta própria mais 20 cópias.

De comum acordo com o orientador da pesquisa, diante da iniciativa desses *dekasseguis*, o universo de análise previsto de 50 unidades inicialmente fora ampliado para 100 unidades.

Estes questionários/formulários contendo 174 questões – fechadas e abertas – foram respondidos e devolvidos no período de novembro de 1997 a maio de 1998.

A seleção das pessoas pesquisadas, em função do alto custo para os deslocamentos – sem apoio institucional - bolsa de estudos - foi aleatória e contou com a participação de colaboradores/pesquisadores na seleção, orientação e aplicação.

Prontificaram-se para este trabalho os geógrafos João Osvaldo Nunes, Manira Mie Okimoto e Osvaldo Eda, a historiadora Bernadete de Lima, a professora de magistério Cristiane Leiko Nagafuti, a pedagoga Rosângela Iwase, o biólogo Sérgio Massao Uezo e os jornalistas Mário Kodama e Cristiane Tobace, do grupo International Press Corporation (IPC).

O pesquisador selecionou os demais participantes utilizando-se do critério de proximidade - relações pessoais. Neste caso, os questionários/formulários foram remetidos via Correio, dentro do sistema porte pago para o reembolso dos mesmos. Dúvidas e esclarecimentos na hora de respondê-los foram sanados através de contatos telefônicos.

Comum à grande maioria dos entrevistados, a falta de tempo, decorrente da extensa jornada de trabalho, não comprometeu a data limite estabelecida para entrega dos questionários.

Na coleta de material, inestimável colaboração prestou o Centro Nikkei de Tóquio, entidade vinculada ao Ministério do Trabalho do Japão, disponibilizando arquivos de ofertas de empregos e atendimento aos brasileiros residentes no país, período de 1995 a 1998.

Neste sentido, colaboraram as dez unidades do Centro de Estabilização de Empregos nas Indústrias espalhadas pelas províncias japonesas.

Ainda em Tóquio, foram realizadas entrevistas com a responsável na época pelo Balcão Sebrae, a funcionária Kely Nakajima e com o gerente da agência do Banco do Brasil da época. O Balcão Sebrae teve sua inauguração em Tóquio em agosto de 1994. Seu objetivo principal é de oferecer apoio, informar e orientar *dekasseguis* (e outros interessados de cidadania japonesa) para a abertura de negócios no Brasil ou no Japão.

A entidade ofereceu como subsídio para a pesquisa publicações bibliográficas específicas para abertura de negócios no Brasil. Exemplares estes oferecidos de forma gratuita aos *dekasseguis* interessados em investir na abertura de empresas privadas no retorno ao Brasil.

Entidades como as Associações Internacionais, instituições ligadas à comunidade de brasileiros no Japão e prefeituras de cidades preocupadas com a inserção dos

brasileiros e outros estrangeiros no país, cederam materiais enviando via Correio, sem custos para o autor.

Foram cedidos guias e outras publicações em idioma japonês, inglês, espanhol e em português, com o objetivo de informar e orientar estrangeiros residentes no Japão.

Visando acompanhar a discussão sobre a formação educacional dos brasileiros e seus filhos no Japão, o pesquisador participou do “I Simpósio Sobre a Educação dos Nikkeis no Japão” promovido pela Universidade de Tenri – Faculdade de Estudos Internacionais de Cultura – Departamento de Estudos Brasileiros, localizada em Tenri, província de Nara, e realizado nos dias 15 e 16 de novembro de 1997, com apoio da Fundação Internacional de Nara e da Embaixada do Brasil no Japão.

Nos estabelecimentos comerciais de produtos brasileiros de Hadano, província de Kanagawa, realizaram-se entrevistas (filmagens e registros fotográficos) com depoimentos dos *dekasseguis*. O mesmo trabalho desenvolveu-se em Mitsukaido, província de Ibaraki.

Participou de encontro em Hamamatsu (1997), província de Shizuoka, no Grande Hotel de Hamamatsu, evento promovido pela empresa de seguros de saúde Nipomed. Apesar da proibição da organização, foram feitos no local, registros fotográficos e filmagens com ênfase sobre a metodologia de abordagem, a exemplo da venda de papéis (títulos de capitalização) e da comercialização de franquias da empresa. Franquias essas de custos elevados para os *dekasseguis*. Os depoimentos dos diretores da empresa no encontro tinham como objetivo transformar os participantes em empresários de sucesso do setor de saúde ao retornar para o Brasil.

Posteriormente, em entrevista, o gerente da agência do Banco do Brasil, de Tóquio, afirmou que a retirada de dinheiro das contas de poupança dos *dekasseguis* atingiu nesse período seu ápice, fenômeno provocado pela grande adesão dos brasileiros aos títulos de capitalização da Nipomed.

Na oportunidade, o pesquisador, acompanhado da professora Cristiane Leiko Nagafuti, foi convidado a se retirar do recinto – sob coação e violência por parte de seguranças da empresa - que queriam extrair das máquinas (filmadora e máquina fotográfica) os filmes de registro do evento.

Outro procedimento técnico-metodológico utilizado pelo pesquisador, foi a aproximação, sob o pretexto de uma amizade, de agenciadores responsáveis pela recepção e

acomodação de brasileiros no Japão. Na verdade, tal estratégia revelou os bastidores dos agenciadores e dos homens ligados às diversas empreiteiras.

Dentro das empresas, possibilitou-se, através de anotações diárias, entender como ocorre o processo de gestão do trabalho e suas implicações, seja nas relações entre brasileiros e japoneses, de brasileiros com brasileiros e outros aspectos como a exaustiva jornada de trabalho e, em alguns casos, a ampla falta de segurança.

Jornais e revistas impressos no Japão, com periodicidade de circulação semanal e mensal, foram fontes de análise, pois estes veículos de comunicação, expressavam as tendências e a dinâmica de vida dos brasileiros.

Coletaram-se informações dos jornais: *Tudo Bem*, *International Press*, *Nova Visão* e *Folha Mundial*.

Dentre as revistas, edições da *Made In Japan*, *Japão Aqui*, *Guia de Empregos & Opção* e *Music Magazine Dica's*". Das produzidas no Brasil: *Veja*, *Isto É* e *Pequenas Empresas, Grandes Negócios*.

Exerceu ainda atividade concomitante ao trabalho de fábrica como repórter, período de 1997 a 1998, fazendo parte da equipe de programas produzidos em idioma português da *TV D'icas*, empresa *Dica's Company*, com sede em Hiratsuka, província de Kanagawa, sendo responsável pela cobertura jornalística da capital japonesa e de Yokohama. Transmitido semanalmente às quintas-feiras, às 23 horas, pela emissora "International Press Television", o programa *TV D'icas* tinha como proposta informar, orientar, mostrar e facilitar a mobilidade dos brasileiros no Japão.

De volta ao Brasil (1998), inicia-se nova fase de observação e coleta de material com o objetivo de diagnosticar as dificuldades de readaptação dos *dekasseguis*. Para tal, frequentou-se, por três anos (1999/2001), eventos festivos, cerimônias religiosas e promoções de associações nikkeis de Presidente Prudente (São Paulo) e região. Coletou-se material junto a outras instituições de caráter semelhante em Assis (São Paulo) e Londrina (Paraná); O Centro de Informação e Apoio ao Trabalhador no Exterior (CIATE) disponibilizou, para estudos, extensa bibliografia sobre o tema "*dekasseguis*" e oficializou ao pesquisador convite para representação regional em Presidente Prudente e região. Neste período, foram organizados, pela mesma, simpósios e seminários que contribuiriam para revelar o perfil dos *dekasseguis* no seu retorno.

Tivemos ainda participações em: cursos e palestras sobre "como se planejar antes de ir ao Japão" em escolas e na unidade do CIATE de Presidente Prudente, hoje extinta por inoperância da diretoria.

Providenciou-se análise dos anais do “Simpósio Internacional Sobre Dekasseguis” – Regresso, Reintegração e Perspectivas” - ocorrido no Brasil em 1995, em Londrina (Paraná), de 6 a 7 de outubro, promoção da “Associação Cultural e Esportiva de Londrina” (ACEL), bem como de jornais da entidade dos anos 1998/99.

Na cidade de Assis, nos dias 21 e 22 de agosto de 1998, participou do “I Encontro Latino-Americano” e “IX Encontro Nacional de Professores Universitários de Língua, Literatura e Cultura Japonesa”, promovidos pela Faculdade de Ciências e Letras através do departamento de Letras Modernas, área de japonês, câmpus da UNESP.

Em Bauru-SP, participou do curso oferecido pelo Sebrae para formação de instrutores, com a finalidade de desenvolver o programa “Brasil Empreendedor”, (1999), rejeitando posteriormente nomeação como instrutor por discordar do programa, contestando a metodologia e as limitações do curso.

O projeto para a criação do “I Fórum Permanente de Discussão Sobre Dekasseguis”, viabilizou-se através do decreto número 14.007/2000, sancionado pelo prefeito Mauro Bragato, de Presidente Prudente, em 23 de dezembro de 1999.

A medida oficial estabeleceu como participantes do Fórum, a convite do prefeito, representantes das seguintes entidades: Centro de Informação e Apoio ao Trabalhador no Exterior (CIATE), Prefeitura de Presidente Prudente, Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Associação Cultural, Agrícola e Esportiva (ACAE), Associação Comercial e Empresarial (ACE), de Presidente Prudente, Serviço Brasileiro de Apoio às Microempresas (SEBRAE), Centro das Indústrias do Estado de São Paulo (CIESP) e Fundação Educacional de Presidente Prudente.

Em Londrina, coletou-se material sobre a organização do evento “Casa Japão”, ocorrido de 8 a 17 de junho de 2001, nas instalações do Centro de Exposição e Eventos.

A crise de identidade, para alguns, parece permanecer após o retorno. Aqui, novamente serão reconhecidos como “japoneses”, enquanto que lá, eram considerados “brasileiros”.

Japoneses aqui? Sim, agora nos referimos ao contínuo processo emigratório dos japoneses para o Brasil, iniciado em 1908. Em caráter temporário para negócios ou estudos, ou para residir definitivamente, eles continuam emigrando. Muitos contraíram matrimônio no Japão – cônjuges *dekasseguis* - e agora os acompanham no retorno ao país constituindo famílias aqui.

Com o intuito de melhor explorar o material para a monografia, o pesquisador solicitou uma bolsa de estudos à Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa), sendo indeferida sob alegação de ausência de atividades acadêmicas recentes no currículo. Ou seja, valorizando a continuidade nos estudos apenas dos recém-formados e desprezando a experiência, a iniciativa de esforço pessoal dos educadores brasileiros emigrantes. A falta de apoio contribui para dificultar a retomada dos estudos, comprometendo a carreira profissional e o reingresso ao mercado de trabalho. Sem emprego, os educadores diante da dificuldade de fixar-se no país, novamente emigram engrossando as fileiras dos que “vêm” e “vão”.

O curso de pós-graduação da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT), através do CNPq, disponibilizou por um ano recursos para a concretização de uma etapa dessa pesquisa, recursos insuficientes para uma análise mais abrangente.

A etapa final de apresentação dos resultados da pesquisa foi marcada por dificuldades e falta de reconhecimento por parte de instituições de fomento e, por problemas naturais sofridos no retorno e readaptação dentro da estrutura da sociedade brasileira. Uma conjuntura não imaginada pelo pesquisador quando optou, no plano científico, por ser sujeito e objeto da própria pesquisa.

“Japoneses Aqui, Brasileiros lá?: Uma Leitura Sobre (e dos) Dekasseguis”, fundamenta-se através dos seguintes capítulos:

O capítulo 1 objetiva elucidar aspectos da história da entrada oficial dos primeiros imigrantes japoneses no Brasil: “A Vinda dos Japoneses Para o Brasil”, resgata aspectos da realidade histórica do Brasil e do Japão e a ascensão dos nipônicos na estrutura de sociedade brasileira, culminando no retorno dos descendentes nikkeis para o Japão como *dekasseguis*.

Já o capítulo 2, trata de questões pertinentes “A Saída dos Brasileiros para o Japão” e suas diversas necessidades motivadoras, as primeiras impressões e informações importantes para a tomada de decisão dos *dekasseguis*, com base em aspectos da aparência e essência produzidas pelo fenômeno. Refletiram-se o conflito de identidade e suas implicações diretas na estrutura social japonesa.

No capítulo 3, analisa “As Primeiras Dificuldades em Território Japonês” tendo como principal objetivo a reflexão temática sobre como acontecem os primeiros conflitos de identidade e sua respectiva influência sobre as perspectivas futuras, seja no retorno ao Brasil ou se fixando de forma definitiva no Japão.

Finalizando, o capítulo 4 demonstra que, o “Retorno e a Readaptação no Brasil” ocorrem, de forma aparente, sem conflitos, mas que, na verdade, boa parte dos

dekasseguis opta por voltar ao Japão para viver, tanto aqui quanto lá, um período de incerteza que, na essência, pode originar traumas ou outros problemas de difícil superação.

Capítulo 1 – A vinda dos japoneses para o Brasil

Neste capítulo, busca-se resgatar aspectos históricos sobre a realidade do Japão e do Brasil diante da vinda dos primeiros emigrantes japoneses para o país.

Sociedade de Cultura Japonesa afirma (1992) que o Japão ingressou na história das migrações com visível atraso em relação aos principais países emigratórios da segunda metade do século passado. Somente a partir da década de 1880, os nipônicos começaram a sair de sua terra para trabalhar no exterior.

Na fase final do Xogunato Tokugawa, a população nipônica somava cerca de 30 milhões, dos quais 84% constituíam a categoria de lavradores e 7% a de samurais; os restantes 9% representavam as demais classes. Com a abolição da classe samurai, decretada pelo governo Meiji, logo após a restauração (1868), muitos dos antigos guerreiros contribuíram para avolumar a massa de desempregados que havia se criado, resultado da crise econômica que sacudira os alicerces do antigo regime. Na verdade, nesse período de transição, o Japão enfrentava o problema da superpopulação e do desemprego real e potencial, situação essa agravada com a baixa produtividade agrícola e industrial – uma das conseqüências negativas do longo isolamento nacional.

Por outro lado, o governo da Restauração tinha pressa em levar avante as medidas de modernização (ocidentalização) do país. Já em 1872, baixou a lei de ensino obrigatório em todo o território nacional.

A situação nipônica dessa fase pode ser, a grosso modo, comparada à da Itália que, depois de sua unificação em 1870, se transformou num grande país de emigração. Mas, o Japão só começou a despachar emigrantes em quantidade substancial, com anos de atraso. Havia, porém, da parte do povo, a vontade de “ir trabalhar onde houvesse emprego”. Assim, já em junho de 1868 – em que se proclama oficialmente a Restauração Meiji – 42 pessoas migram para a ilha de Guam, como trabalhadores contratados em plantações de “arroz-d’água”. Pouco antes, em maio, 148 japoneses haviam seguido para o Havaí, como trabalhadores em canaviais, por intermediação de um cidadão americano.

Em ambos os casos, não houve autorização nem qualquer outra interferência governamental. As despesas de viagem e de subsistência ficavam por conta das fazendas empregadoras. Parece – não há prova documental – que nos dois casos o salário mensal ficava em torno de 4 dólares.

Sociedade da Cultura Japonesa (1992) afirma ainda que estes dois casos das primeiras levas de emigrantes representavam empreendimentos da iniciativa particular. O

governo de Tóquio manteve-se ausente, ou por estar ainda ocupado com outros problemas vitais nessa fase de transição histórica, ou por falta de compreensão sobre a questão migratória, como consequência do longo período de isolamento nacional.

Todavia, pouco depois, a situação interna do Japão exigiu das autoridades governamentais um estudo envolvendo a emigração. A causa principal dessa mudança de orientação foi a crise econômico-social que se refletia negativamente nas finanças do país. Para enfrentar a crise, o governo Meiji tomou providências de profundidade em muitas áreas administrativas. Uma delas, foi a reforma agrária, pela qual os camponeses obtiveram o direito à propriedade de terras, acompanhada da nova lei de imposto territorial rural (1873). (...)

(...) por causa da crescente miséria no campo, a partir de 1879, estouram revoltas agrárias em diversas regiões. Diante dessa situação, o governo de Tóquio mudou de orientação com respeito à emigração, passando a reconhecê-la como necessária para reduzir as tensões sociais agravadas com o aumento demográfico, sobretudo nas zonas rurais.

A primeira emigração oficial aconteceu em 1883, quando 37 trabalhadores foram para a Austrália, como catadores de pérolas. Mas, somente a partir da ida de japoneses para o Havaí, em 1885, o movimento emigratório nipônico adquire importância.

Devido à crise econômico-social que assolava o Japão, para um número estabelecido pelo acordo de 600 emigrantes no primeiro ano, apresentaram-se 28 mil candidatos. No ano seguinte, seguiram 1.930.

A maioria dos emigrantes originários de zonas rurais pobres visava ganhar dinheiro e remeter o máximo possível para as famílias que ficavam na terra natal. Eram os *dekassegi* (decassegui); palavra usada atualmente no Brasil, devido o contingente de descendentes de nipônicos que seguem para o Japão com a finalidade de trabalhar, ganhar dinheiro e retornar à pátria.

Outro aspecto a considerar é a proliferação dos chamados agentes ou companhias de emigração. Até a publicação da “Lei de Proteção de Emigrantes” (abril de 1896) inexistia qualquer restrição legal para essa atividade. Surgiram pessoas jurídicas e físicas dedicadas à aliciação de emigrantes. Suas atividades, regra geral, tinham curta duração. Muitas firmas mudavam de administradores e de nome. A multiplicação de agenciadores ocorria pela facilidade com que se organizavam, então, as sociedades anônimas no Japão.

Ainda segundo a Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, não se tem dados exatos, mas a época das “empresas de emigração” durou pouco. Consta que *Kichisa Imin*

Goshi Kaisha (Kichisa Companhia de Emigração Ltda.), fundada em dezembro de 1891, teria sido a primeira. Em 1898 havia dez, e em 1905 o número subia para 29, representando o pico.

Por sua vez, (...) a emigração japonesa para o Brasil, ocorre oficialmente em 18 de junho de 1908, quando aportou em Santos o *Kasato-Maru*, trazendo a bordo a primeira leva de japoneses. Há registros de ocorrência de outras tentativas anteriormente, porém, infrutíferas.

No século XIX, ocorreu uma série de movimentos populacionais de ordem internacional. As Américas foram um dos principais pólos de atração, tendo o Brasil, a partir das três últimas décadas do século, desempenhado papel muito importante como país receptor.

Entretanto, ao longo da história da humanidade ocorreram restrições, em diferentes ocasiões e por motivos os mais variados, ao direito de migrar. Aliás, neste particular, a I Guerra Mundial pode ser considerada um marco na medida, pois a partir daí foram sendo adotadas, com mais frequência, medidas restritivas tanto por parte dos países emissores quanto dos receptores de imigrantes.

O Brasil, por exemplo, durante muitos anos, permaneceu fechado à entrada de estrangeiros. Somente com a abertura dos portos, em janeiro de 1808, e a liberação da concessão de terras a estrangeiros em novembro do mesmo ano, é que foi facilitada a entrada de forasteiros no país, o que, teoricamente, havia sido vedado, até então, pelo alvará de 18 de março de 1605. (1992)

No intuito de melhor compreender o sentido da imigração para o Brasil, recorda-se aqui, dois fenômenos determinantes sobre essa lógica imigratória para as fronteiras do nosso país.

Segundo a Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa (1992), na história do Brasil, um dos problemas mais constantes tem sido justamente de ordem demográfica. A falta de povoamento tornou-se patente desde o seu descobrimento, não só em relação à ocupação como à exploração do solo. Como reflexo dessa situação, percebem-se duas tendências nítidas na política imigratória brasileira. Enquanto uma visava, sobretudo, ao povoamento do solo, ao desenvolvimento da produção e à regeneração da raça, a outra objetivava, antes de qualquer coisa, a oferta de mão-de-obra para a lavoura.

Acompanhando essa tendência, enquanto no nível federal a preocupação primeira era multiplicar os núcleos coloniais, a fim de fixar o imigrante como pequeno proprietário, o Estado de São Paulo, por exemplo, defendia a vinda do imigrante assalariado

para a lavoura cafeeira, visto ser o café, na época, o produto em torno do qual girava toda a economia nacional.

Embora os membros da Seção de Colonização e Estatística da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional reconhecessem que o povoamento era mais importante e interessante para o país como um todo, em 1870 eles já sabiam que a presença desses trabalhadores na lavoura tornava-se cada dia mais urgente, dada a escassez cada vez maior de ofertas, sobretudo em razão das sucessivas medidas que vinham sendo tomadas visando à abolição da escravidão em terras brasileiras.

Porém, algumas medidas demonstram que o governo brasileiro procurou, desde o início, resolver o problema da falta de pessoas com a introdução de europeus. Todavia, por sugestão do Conde de Linhares (D. Rodrigo Domingos de Souza Coutinho Teixeira de Andrade Barbosa), enquanto o Brasil era ainda colônia de Portugal, tentou-se a introdução de asiáticos. A idéia era trazer chineses para desenvolver o cultivo do chá tanto no Jardim Botânico, quanto na Fazenda Imperial de Santa Cruz, no Rio de Janeiro.

Dos 2 mil chineses aguardados em 1819, vieram apenas 400. Os resultados não foram animadores. À experiência seguiram-se outras, mas, igualmente, sem sucesso. (...) Na verdade, Oliveira Martins – escritor e político português – defendia um Brasil europeu e não asiático, uma nação e não uma colônia, eis aí o seguro porvir da Antiga América portuguesa. (...) Comparadas as restrições (que ao longo dos anos foram sendo feitas aos japoneses) com as críticas de Oliveira Martins aos chineses no século passado, observa-se uma série de pontos em comum.

Enquanto para uns a introdução nipônica significaria, de certa forma, a retomada da escravidão, para outros o japonês e o chinês eram tidos como inferiores aos próprios escravos. O temor não era, muitas vezes, do asiático como tal, mas das conseqüências que, suspeitava-se, poderiam advir ao país se viessem para cá.

Em termos legais, após muita discussão, a 24 de setembro de 1892 foi aprovado o projeto Monteiro de Barros. Ficava liberada a entrada, não para o asiático indiscriminadamente, mas para os chineses e japoneses, desde que não estivessem incursos em ação criminal no seu país.

Tal preocupação deu origem à Lei nº 97, (sancionada a 5 de outubro de 1892). A partir dessa data, o Brasil se comprometeu não só a manter relações diplomáticas com a China e o Japão, como também, a enviar agentes diplomáticos encarregados, entre outras coisas, de fiscalizar o movimento emigratório com destino ao país. (...) o projeto ainda previa uma certa subvenção do governo às companhias introdutoras desde que seus acionistas

e organizadores fossem na maioria lavradores ou proprietários rurais, a fim de evitar a formação de sociedades com objetivos unicamente especulativos.

No mesmo mês, quando foi sancionada a lei, a imprensa divulgava os termos dos estatutos e um panfleto lançado pela companhia Mutualidade Agrícola. (...) Entre outras, seguiram-se a ela a Sindicato Paulista, a Prado & Jordão, ambas na cidade de São Paulo (...) Produto de iniciativa particular, todas elas comungavam um objetivo comum: a introdução da mão-de-obra asiática, isto é, chinesa e japonesa, no Brasil. Exceção ficava por conta da Prado & Jordão, organizada com o propósito de introduzir unicamente japoneses. (1992).

A emigração dos japoneses para o Brasil, em resumo, tinha sua lógica voltada para suprir as necessidades da estrutura agrária e atendia a política de substituição de braços para as lavouras de café. Foi assim idealizada pelos grandes produtores, com apoio do Estado.

Cardoso (1998) afirma que a partir de 1875 em diante, a vinda de estrangeiros para o país passa a ser ativamente promovida tendo em vista este objetivo – a substituição do escravo pelo trabalhador livre, recrutado fora do país. Este surto imigratório dirigia-se prioritariamente para São Paulo, porque seu principal objetivo era encaminhar trabalhadores para as lavouras de café, em franca expansão no Estado.

Diante de tal necessidade, (...) a primeira leva de japoneses que chegou ao Brasil em 1908, teve parte da passagem marítima subsidiada pelo governo estadual e parte paga pelo fazendeiro empregador que podia descontá-la do salário dos novos colonos, repetindo o esquema desenvolvido para promover a imigração italiana.

A partir de então, o número de japoneses que entrou no país é impressionante. Até 1952, pouco mais de 190.000 imigrantes. Sua importância, entretanto, não deriva fundamentalmente de sua contribuição demográfica, mas a seu papel econômico, que se faz sentir desde o início da imigração, quer como mão-de-obra, quer como introdutor de técnicas novas.

Cardoso afirma ainda que, até hoje, a minoria japonesa que permaneceu nas zonas rurais tem uma participação na produção agrícola muito superior a de seu efetivo demográfico mantendo, inclusive, um quase monopólio na produção de certos produtos como o chá, pimenta e hortelã. Medida por indicadores econômicos, a integração dos japoneses à sociedade nacional parece indiscutível. O sucesso econômico e o rápido processo de ascensão social dessa população etnicamente distinta da nacional levantam problemas interessantes.

Os japoneses aqui, segundo determinava a política imigratória da época, deviam vir em (grupos/famílias). Isso fez com que não se encontrasse uma população de tipo “colonial”, isto é, com marcada predominância masculina e de idade adulta.

Este tipo de imigração familiar, não individual, trouxe para o Brasil não só uma proporção equilibrada de homens e de mulheres, mas também várias gerações simultaneamente. (1998)

Saito (1961), citado por Cardoso (1998) esclarece que os japoneses, para atender às exigências do Brasil e também para poder enfrentar as tarefas nas fazendas – distribuídas de acordo com o número de braços, por família – freqüentemente utilizavam o recurso legal da adoção e casamentos fictícios para emigrar em grupos altamente produtivos. Estas ficaram conhecidas como “famílias compostas”.

Em 1958, esta população apresentava uma distribuição de idades bastante normal, evidenciando um alto grau de adaptação ao nosso país. A maioria, neste período, já era formada por descendentes de segunda, terceira ou quarta gerações, concentradas em grupos de pessoas mais jovens. Isso demonstra a fixação definitiva dos japoneses no Brasil, apesar do sonho de rápido retorno ao Japão, ideal este predominante no início do processo emigratório.

No tocante à integração e à ascensão social dos japoneses pode-se afirmar que foram bem sucedidos. Cita o exemplo dos chefes de família agricultores, dos quais 52% tornaram-se proprietários e 76% foram empregadores ou trabalhavam por conta própria. Dados suficientes para demonstrar a ocorrência de uma grande mobilidade entre estes imigrantes. (1998)

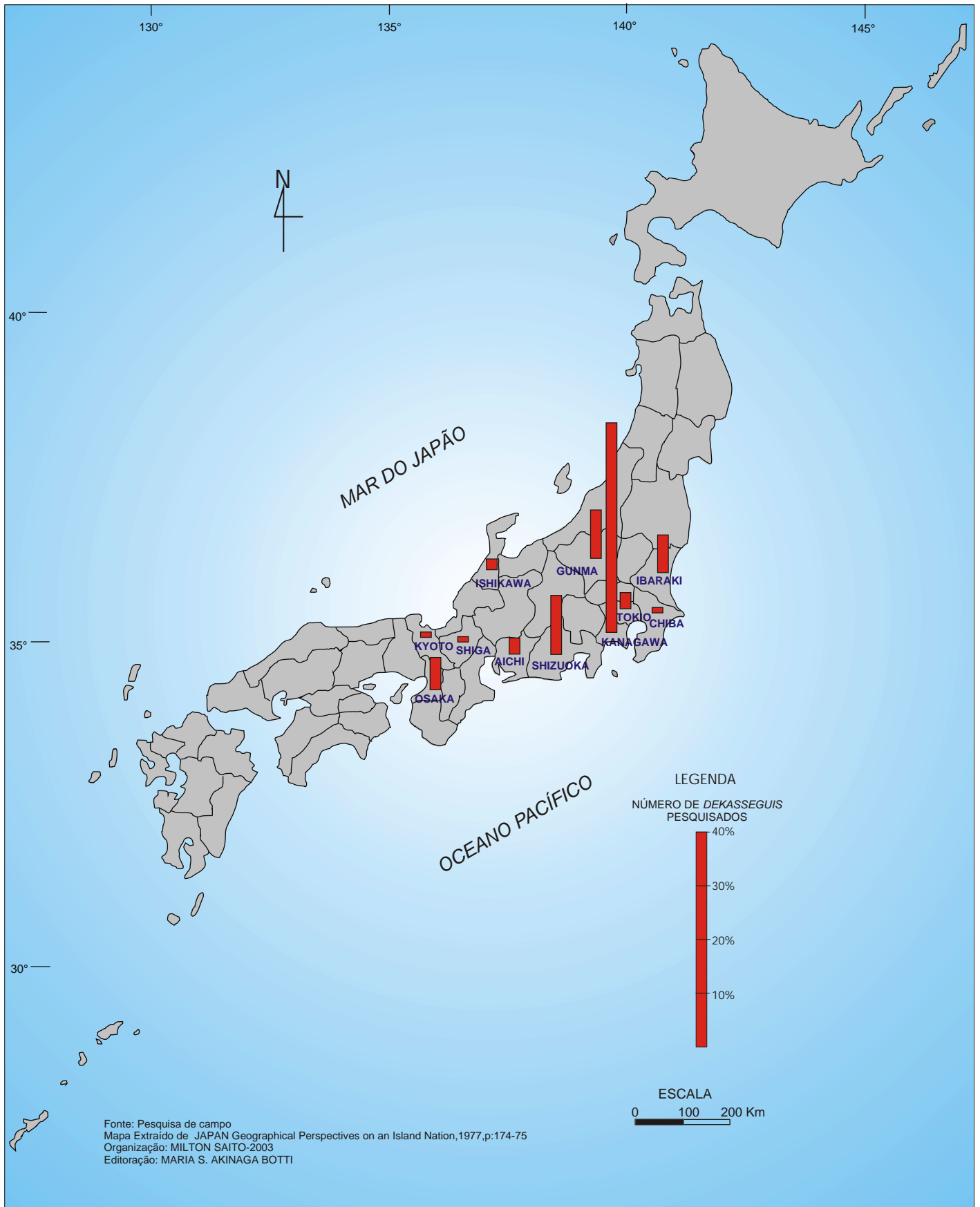
Porém, o projeto de retorno para o Japão foi abandonado por muitos dos emigrantes japoneses por não conseguirem acumular riqueza suficiente para retornar à terra natal. Com o decorrer do tempo, e mediante sua inserção na estrutura da sociedade brasileira, estes optaram por se fixar de forma definitiva em terra verde e amarela.

Nos dias de hoje, os descendentes de japoneses realizam, quando tomam a decisão de ir ao Japão, pelo menos no plano teórico, o retorno sonhado (e não concretizado) pelos emigrantes japoneses. Apesar de considerados japoneses aqui, os *dekasseguis* são reconhecidos como brasileiros lá.

As regiões onde foram aplicados os questionários/formulários se encontram representadas – mapa 1. São províncias e cidades onde residem grandes contingentes populacionais de brasileiros e outros estrangeiros de origem latina, como peruanos,

argentinos, bolivianos e uruguaios. Possuem intensa infra-estrutura de comércio de produtos brasileiros, possibilitando uma convivência harmônica entre os latinos americanos.

Mapa 1 - Províncias dos Dekasseguis Pesquisados no Japão



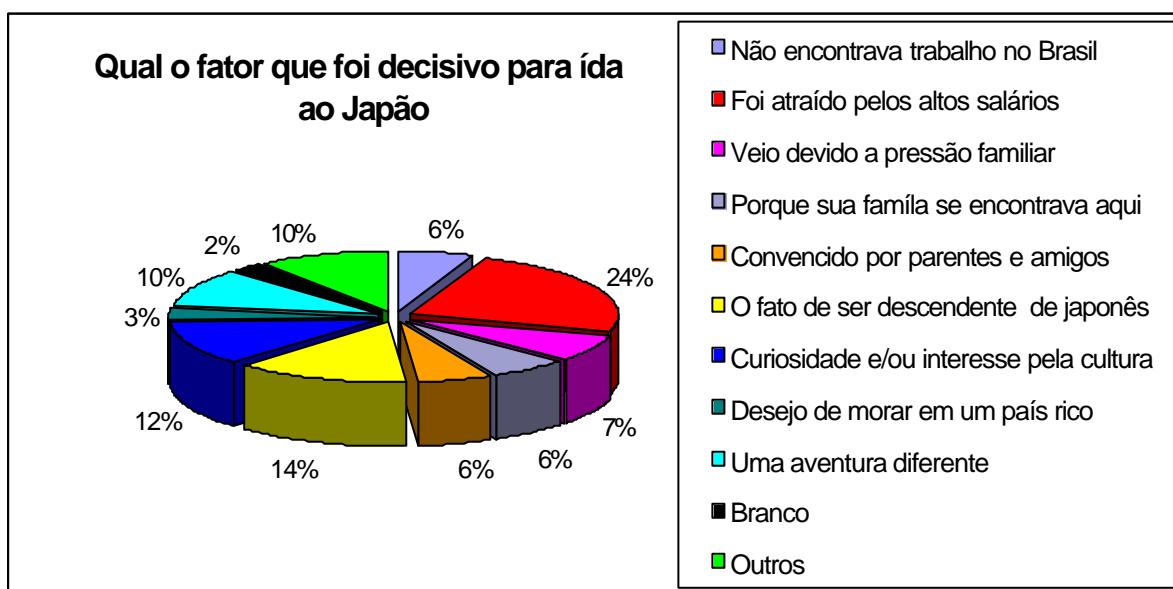
Capítulo 2 – A saída dos brasileiros para o Japão

2.1 - Aspectos motivadores do processo emigratório

Na tentativa de melhor apreender quais motivos contribuem para intensificar o processo de deslocamento de brasileiros ao Japão, a pesquisa analisou o fenômeno, suas informações e alternativas diversas, as quais, serão objetos do estudo.

Nessa perspectiva, 24% dos entrevistados – Gráfico 1 - mostram inicialmente que foram atraídos pelos altos salários oferecidos pelo mercado de trabalho do Japão. Conforme ilustra ainda, a pressão exercida por parte da família, já residente no Japão, fez com que 7% deixassem o Brasil.

Gráfico –1 - Fator decisivo para ida ao Japão



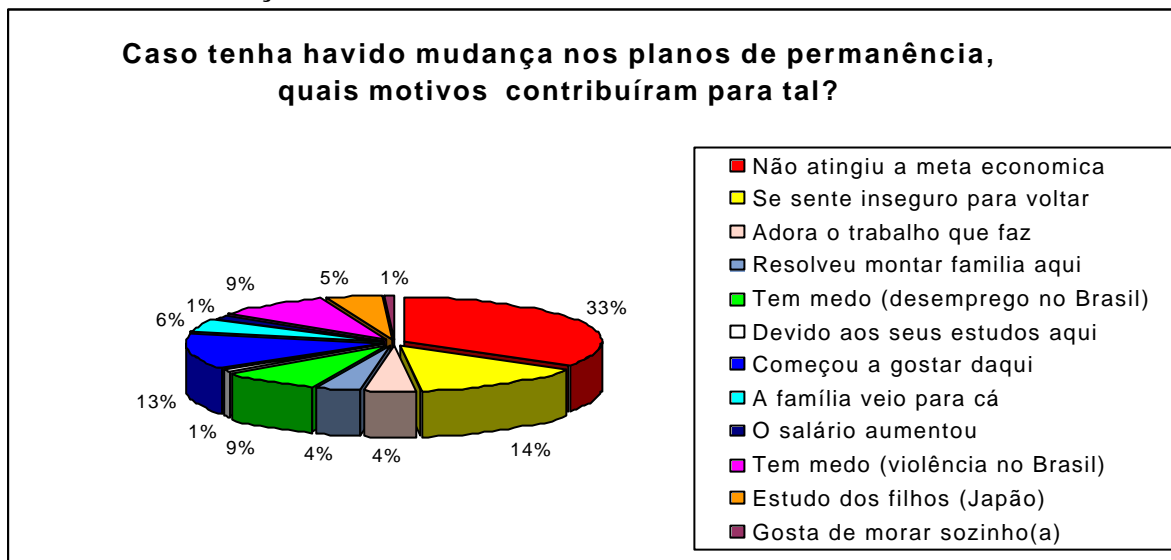
Org. Milton Saito (Japão1998)

Outro aspecto motivador, apontado por 10% dos pesquisados, é a curiosidade que se tem no plano cultural em conhecer o Japão. O fator consangüinidade foi apontado por 14% dos entrevistados.

Ainda em relação ao Gráfico 1, detectou-se que apenas 6% dos entrevistados buscaram o Japão por não encontrar trabalho no Brasil, constando-se que profissionais brasileiros, mesmo com oportunidades de colocação no mercado brasileiro, optam por ir para o Japão com a finalidade de ampliar sua capacidade de consumo no retorno ao Brasil.

Porém, essa volta pode ser adiada, em função de vários aspectos, dentre os quais, um dos mais evidentes, por não conseguir suprir as necessidades básicas em curto período de tempo, como demonstra os índices do Gráfico 2.

Gráfico 2 – Mudança nos Planos



Org.: Milton Saito (Japão 1998)

Como se vê, 33% dos entrevistados alteram seus planos de voltar ao país por não atingirem a meta econômica proposta. Assim, vão prorrogando a viagem, tendendo a permanecer no Japão por mais tempo, algo que não previam quando optaram por emigrar.

Pode-se concluir que a intensidade de deslocamentos aumenta, na medida em que, os que vão, sentem dificuldades para retornar, fator que preocupa muito o governo japonês, pois, com a economia em ritmo de crise, somada à perspectiva de migração das empresas japonesas para o exterior, em busca de mão-de-obra mais barata, visando amenizar seus custos produtivos e tornar seus produtos mais competitivos no mercado internacional, afetam diretamente o comportamento e a política de deslocamentos dos brasileiros para o Japão.

Essa realidade se torna ainda mais complexa diante do papel inescrupuloso dos agenciadores de mão-de-obra para o Japão. Mesmo tendo visão e conhecimento dessas perspectivas neste início do século XXI para o Japão, como sobrevivem explorando os descendentes, mantém uma postura de alimentar os sonhos e possibilidades que marcaram o início do processo emigratório, de acumular recursos e, posteriormente, retornar para o Brasil.

Em função disso, aumentam os problemas sociais internos no país, pois, o número crescente de estrangeiros, o aumento do desemprego e a frustração pelos baixos salários pagos tornam o mercado mais competitivo, exigindo maior paciência e dedicação para atingir as metas.

Por outro lado, a competitividade por uma vaga, é acirrada e as relações entre brasileiros e, de brasileiros com os japoneses, se desgastam provocando conflitos, haja à vista que os estrangeiros (*gaijins*) competem de forma direta na luta para permanecer na fábrica.

As formas de tratamento, dentre as quais, a discriminação se acentua, ampliando a crise de identidade, pois, tudo provém desse fator imposto pelo mercado.

Diante dessa nova realidade nada promissora, as políticas de emprego no Brasil, continuam excluindo e limitando vagas, fazendo a cada dia aumentar o contingente de brasileiros que buscam o mercado japonês, agora com novas perspectivas: a de sobrevivência ou de fixação definitiva, em função dos problemas internos no Brasil.

Portanto, todo cuidado, dentro de um planejamento de deslocamento mais sólido, deve ser tomado. A pesquisa demonstra que o momento não é propício, visando fugir da crise brasileira, buscando o Japão como forma de contorná-la.

2.2 - As primeiras impressões e informações sobre o cotidiano

Viver no Japão, tendo como desafio a crise econômica atual, sem os prévios conhecimentos sobre hábitos, costumes e outras tradições, pode acentuar mais o conflito de identidade.

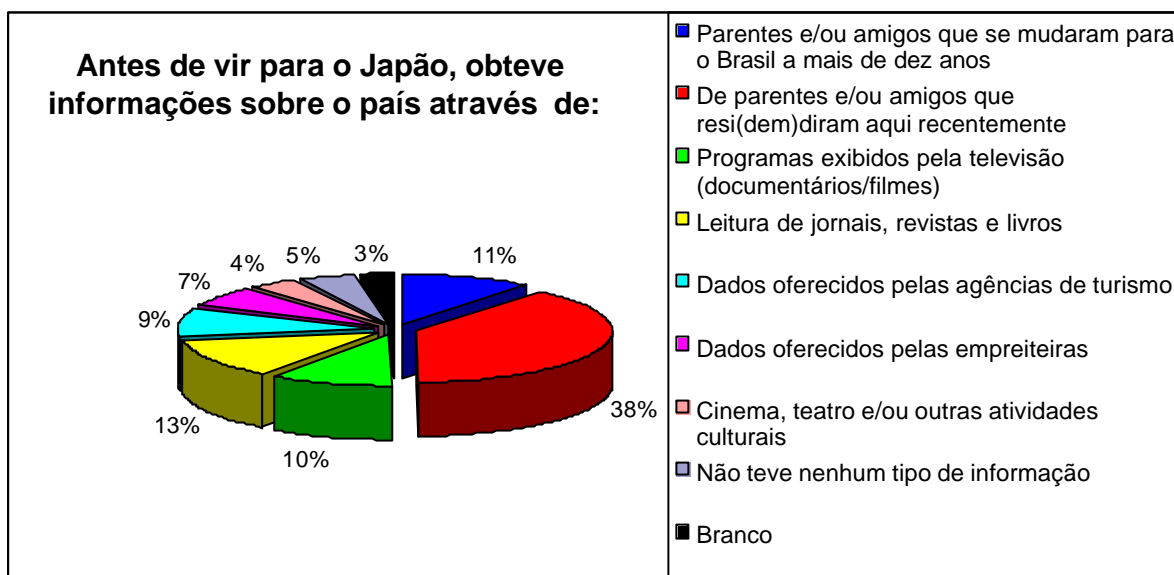
Na tentativa de evitar as situações de desconforto e constrangimento, tornam-se necessários alguns cuidados na hora de enfrentar esse desafio.

No geral, as primeiras impressões e informações sobre a realidade japonesa, principalmente, quando fornecidas pela maioria das empresas de contratação de mão-de-obra, são distorcidas e carecem de aspectos qualitativos.

Apesar do grande esforço do governo japonês – prefeituras, associações internacionais entre outros - na preparação de material abordando os procedimentos corretos, com o objetivo de amenizar os impactos, os maus agenciadores permanecem e contribuem para a má impressão sobre o país, distorcendo as impressões do cotidiano de vida no Japão.

A pesquisa detectou que 38% dos entrevistados – Gráfico 3 – obtiveram informações sobre o país através de parentes ou amigos que lá residiram nos últimos anos.

Gráfico 3 – Tipos de informações sobre o país



Org. Milton Saito (Japão1998)

Neste aspecto, subentende-se serem as fontes outros colegas *dekasseguis* recém-chegados ao Brasil. Já 13% dos analisados, buscam informações através de leituras em jornais, revistas e livros. Os programas televisivos aparecem como fonte de conhecimento para 10% dos entrevistados.

Outro fato curioso apurado pela pesquisa: 11% dos consultados obtiveram dados através de amigos ou parentes provenientes do Japão, há mais de 10 anos. Neste contexto, aparentemente recebem os subsídios como se o Japão tivesse parado no tempo.

A discussão sobre a necessidade de elaborar um planejamento antes de viajar, demonstra que os impactos iniciais são fortes e, às vezes, deixam profundas marcas que perduram após o fim da experiência. Os dissabores podem refletir diretamente sob a crise de identidade,

Somando-se aos 11% que informam terem sido orientados por agência de viagens mais 7% dos preparados pelos agenciadores, temos um total de 18% dos entrevistados com orientações superficiais oferecidas por pessoas que têm, às vezes, como objetivo, apenas prepará-los para o enfrentamento do mercado de trabalho sem muito aprofundar informações no aspecto cultural.

Mais especificamente, são orientações que visam a uma melhor adaptação dos brasileiros à forma de gestão do trabalho e, também, sobre regras de convivência e comportamento nas empresas.

Dependendo das reações do mercado de trabalho, ou de outros interesses dos agenciadores, qualquer trabalhador, posteriormente, pode ser demitido, dificultando a sua mobilidade na aquisição de outra oportunidade de sobrevivência no país. Essas informações, apesar de denunciadas pelos jornais, não passam pela perspectiva dos *dekasseguis*, mas, quando chegam ao Japão, algumas agências, no intuito de limitar a mobilidade dos trabalhadores, retêm seus passaportes ilegalmente, ferindo direitos legais e pessoais dos *dekasseguis*.

O documento, de caráter pessoal, passa a ter o valor de uma carta de fiança pois, a retenção se dá em função da garantia de pagamento de dívidas contraídas pelos *dekasseguis*, ainda em território brasileiro. Geralmente, escritos em japonês, sem tradução para o português, escondem informações sobre direitos e deveres que podem comprometer a estabilidade dos *dekasseguis* no Japão.

As primeiras impressões sobre o país, passam a incomodar, frustrar, em decorrência da opressão e exploração ilimitada feita pelas agências de terceirização de mão-de-obra.

Porém, conflitos maiores, ficam evidentes no momento em que iniciam a vida social, tanto na moradia quanto na empresa. Obrigados a satisfazer e cumprir os interesses dos agenciadores, muitos são colocados em apartamentos com espaços exíguos e com número exagerado de pessoas.

A utilização coletiva das dependências, como banheiro, cozinha, geladeira, máquina de lavar roupas e outras, com o tempo, se não bem administrada entre os moradores, geram sérios problemas de convivência. Estes aspectos, naturalmente, não fazem parte dos preparativos para os *dekasseguis*.

Os agenciadores, de forma geral, ressaltam os ganhos salariais, a jornada de trabalho, o comportamento e recebem orientação para jamais dizer não, quando solicitados para o desempenho de uma tarefa ou a atender pedidos dos chefes da empresa no que se refere a horas-extras, não importando as condições de cansaço físico e mental dos trabalhadores.

A orientação é trabalhar o máximo, economizar, evitar momentos de lazer, a exemplo de passeios. Outras agências alertam para perigos como o vício do jogo, entre japoneses e brasileiros, que se dirigem após o trabalho às casas de diversões eletrônicas distribuídas por todo Japão, conhecidas como *Patchinkos*. Nestes locais, passam momentos ótimos de lazer, entretanto, sem os cuidados necessários pode gastar altas somas em dinheiro e comprometer, posteriormente, o orçamento mensal, ou mesmo, a poupança e o planejamento de retorno ao Brasil.

Na bagagem de ida ao Japão, alguns recebem instruções sobre o que podem levar e, quais cuidados devem ser tomados. Há alguns folhetos informativos, mas, por serem superficiais, acrescentam pouco. No mais, existem agências que se restringem em prestar orientações verbalmente.

Este tipo de problema pode ser evitado, caso os *dekasseguis* tenham parentes ou amigos no Japão, dispondo a apresentá-los junto às empresas para obter trabalho.

Apesar de ainda pouco conhecida, outra opção é se informar e conseguir a colocação através do Centro de Informação e Apoio ao Trabalhador no Exterior (CIATE). Pela restrita mobilidade, com sede apenas em São Paulo, a entidade busca esclarecer os interessados desenvolvendo um plano de orientação e planejamento, inteiramente grátis.

Também é possível a obtenção de informações através de um trabalho voluntário (de colaboradores do CIATE) de algumas regiões, com maior presença de nikkeis no Brasil: São Paulo e Presidente Prudente (SP), Rio de Janeiro (RJ), Curitiba e Londrina (PR) e em Belém (PA).

Nas dependências da entidade na capital paulista, além da possibilidade de obtenção de vagas e empregos, o candidato a *dekassegui* pode ser melhor preparado através de participação gratuita em cursos, dentre os quais aulas de japonês, hábitos e costumes, visão da realidade econômica e política atual do Japão, seguro desemprego, imposto de renda e planos de saúde.

Os representantes regionais, apesar dos poucos recursos e da falta de um espaço físico para atendimento, realizam publicações e distribuem nas associações nikkeis, folhetos, jornais e livros com o objetivo de informar e melhor preparar os brasileiros antes do embarque para o Japão.

Tanto no CIATE, como junto aos colaboradores, existe todo um aparato jurídico, através da participação de promotores públicos de cada localidade, que podem resolver conflitos provenientes destes contratos considerados exorbitantes e lesivos aos *dekasseguis*. O objetivo é coibir diversas formas de atuação ilícita, irresponsável e demasiadamente exploradora por parte de algumas agências de recrutamento de mão-de-obra para o Japão, também conhecidas como empreiteiras.

Nestes casos, busca-se prevenir todas as formas de abusos financeiros e de exploração, como também, transmite-se uma visão de realidade do cotidiano de vida no Japão de forma clara, informando o candidato para os riscos futuros.

O problema é que, apesar dos esforços de divulgação destes serviços, tanto do Centro Nikkei (em Tóquio) e demais Centros de Estabilização de Empregos espalhados

nas províncias do Japão, com a mesma finalidade do Ciate, estas instituições ainda são desconhecidas por muitos *dekasseguis*.

Outro fator que dificulta a preparação dos nikkeis para o Japão, é que escondem o projeto de saída do país de outros patrícios, cuja experiência de vida no país poderia contribuir em muito para sua adaptação em território japonês.

O motivo desta forma de comportamento pode ser financeiro (não despertar a atenção dos credores locais) sobre sua saída para o Japão.

Igualmente contribui para esconder tal decisão é o temor de ser discriminado pela colônia japonesa, que ainda, em algumas regiões, considera a denominação *dekassegui* pejorativa. São comuns nas associações nikkeis, comentários de pessoas que foram para o Japão e que membros da própria entidade desconheciam a informação.

No geral, posteriormente, enviam dinheiro do Japão para o Brasil a fim de saldar seus compromissos financeiros e retirar o nome das instituições de controle de crédito e cobrança.

Antes da viagem, ainda no Brasil, procura reunir o mais rápido possível a documentação para conseguir o visto e, quando menos se espera, está embarcando para o Japão. Neste ínterim, busca informações através da agência de viagem, amigos e parentes (a estes, se não quiser esconder a intenção). Mas, nem todos têm a preocupação com o domínio do idioma e outros aspectos relativos às mudanças no país.

O choque cultural é inevitável, até mesmo para os mais avisados. As formas de organização do espaço, dos costumes, tradições e mesmo do idioma, são outras. Os hábitos japoneses mantidos no Brasil, preservados pela memória das associações, hoje diferem em muito da práxis de vida do Japão moderno. Palavras mais comuns sofreram mudanças e deixaram arcaicas algumas das expressões.

Quando se dirigem ao país sozinhos, sem o domínio do idioma, os *dekasseguis* dependem muito da ajuda dos amigos, parentes ou agenciadores. Inclusive, para traduções, ensino de como se comportar, fazer compras, andar na rua, telefonar, ir ao correio, regularizar a situação de estrangeiro na prefeitura e assim por diante. É claro que quando isso é feito através de empreiteiras, os traumas podem ser menores. Porém, os custos, com certeza, serão maiores. É que as agências cobram tudo e de todos.

Se a opção for emigrar com os demais membros da família, sem que nenhum desses tenha tido a experiência anterior de lá residir, representa um outro desafio cujas conseqüências futuras podem gerar problemas sérios no âmbito do relacionamento do casal e dos filhos. Para evitar traumas neste sentido, o desejado e esperado é o pai de família

embarcar, num primeiro momento sozinho e, depois de um certo tempo de permanência no país, conseguir empregos para os demais familiares garantindo uma moradia com boas condições de salubridade e outros aspectos necessários para o bem-estar geral no Japão. Deste modo, o impacto pode ser menor.

Algumas dificuldades serão eliminadas com o decorrer da permanência no país. O medo de utilizar o sistema de transportes de trens, metrô ou outros em função do grande contingente de pessoas nas plataformas, a complexidade inicial para aquisição dos bilhetes, etc., só se perde com o tempo. Assim, comprar os bilhetes, embarcar na plataforma certa, são práticas iniciais que carecem de ajuda de amigos, parentes ou dos próprios japoneses através de solicitação.

Essa mobilidade pessoal e de caráter independente, não é bem vista ou aceita por parte de muitos empreiteiros, temendo ser essa uma forma de empreender fuga, deixando as despesas pendentes e dívidas de toda natureza, como do aluguel, água, energia elétrica, gás e de valores maiores como não pagamento de passagens e documentação necessária para a solicitação de vistos para ingresso no Japão.

De início, caminhar sozinho pelas ruas é complicado. Deve-se ter o cuidado de andar sempre com endereço e telefone da residência, para a eventualidade de desorientar. É que no Japão, a similitude de ruas, arquitetura e outras, contribui para confundir os estrangeiros.

Até o caminho para o trabalho deve inicialmente ser feito em companhia de amigos ou acompanhante de empreiteira, para evitar perder-se e pode chegar na hora. Atrasar-se para o início do horário de trabalho, nem sempre é permitido ou bem visto, portanto, deve ser evitado ao máximo este tipo de procedimento. Aliás, determinadas empresas fecham as portarias e fica proibida a entrada de funcionários após o horário estabelecido. Outro aspecto, é que este tipo de comportamento não é comum nas práticas diárias dos japoneses, constituindo motivo para o infrator ser chamado à atenção.

Nos supermercados, deve-se ter cuidado no momento de aquisição dos produtos. Em sua maioria, com rótulos em idioma japonês e, em algumas situações em inglês, funcionam como armadilhas para os principiantes sem a noção e entendimento da escrita.

Reconhecer alguns produtos com aparência similar, a exemplo do sal e do açúcar, sem a leitura dos rótulos, pode ocasionar problemas. O mesmo ocorre com os enlatados.

Como as opções para consumo humano e animal são apresentadas nos enlatados trazendo embalagens escritas em japonês, não é difícil a aquisição sem o devido cuidado de produtos à base de carne destinada ao consumo de animais (cachorro e gatos) e prepará-los no almoço ou janta como uma opção alimentícia.

A pesquisa apurou um caso ocorrido com um grupo de amigos residentes na cidade de Mitsukaido, província de Ibaraki-ken, quando perdidos em meio a tantas opções de consumo, durante a compra mensal, acabaram adquirindo uma série de produtos específicos para consumo de animais domésticos. Chegando a fim de aplicar os formulários, o pesquisador pôde orientá-los para as próximas compras.

A falta de noção de preços e valores finais diante de uma compra mensal é outro problema. Saber se o dinheiro vai dar para pagar ou não, é uma prática adquirida com o tempo. Comprar compulsoriamente, atraído pela qualidade e beleza das embalagens também não é recomendável.

2.3 - O Projeto de Retorno ao Brasil

Não foi raro ouvir de muitos *dekasseguis* a decepção por não conseguir cumprir algumas metas estabelecidas no planejamento inicial.

Essa forma de conduta carece evidentemente de orientação e visão do que quer para si, sua família e o que poderá fazer quando retornar ao Brasil. Portanto, planejar a ida ao Japão, necessita de clareza dos objetivos a serem alcançados.

Como a grande maioria viaja para o Japão sem as informações e orientações necessárias para garantir o sucesso da experiência, o planejamento se perde em meio à arrumação da documentação e outras formas de ansiedade quando deixa o país. Não raramente, saem do Brasil sem uma visão do comportamento de mercado de trabalho no Japão, se há ofertas de vagas ou não, das tendências futuras e outros problemas que surgirão.

A dinâmica de idas e vindas apesar das notícias de crise, e outras mudanças de perfil de absorção de mão-de-obra, processam-se como se naturalmente os problemas pudessem ser solucionados, sem depender de ninguém.

O mais espantoso é que apesar da restrita oferta de empregos em determinados períodos mais agudos, muitos agenciadores ainda conseguem prometer aos candidatos a residir no Japão, um paraíso, desde que se pague a taxa pela legalização da documentação. Também se responsabilizam em colocar o cliente no mercado de trabalho japonês, com altos salários e muitas horas-extras. Cria-se uma realidade de fascínio.

Para se obter alto lucro, como no início do processo emigratório, exalta-se a realidade aparente, desprovida de senso crítico, despertando o interesse dos trabalhadores brasileiros. Reúne-se uma série de aparatos demonstrativos, às vezes induzindo o pretendente à escolha dos serviços oferecidos quase que de forma sonhadora. O pior é que este sonho pode sair caro, se não atentar para alguns detalhes.

A dificuldade inicial de adaptação à estrutura da sociedade japonesa, rica em adversidades em relação a nossa forma ocidental de ser, é uma etapa importante a ser vencida. Não se pode negar, que foi bem pior. Com o processo de abertura, a sociedade japonesa passa por transformações em todos os sentidos. E diga-se, até em relação a um respeito maior pelos estrangeiros.

Isso pode ser encarado de outra forma. Os estrangeiros não competem de forma direta com os japoneses em busca de melhor colocação no mercado de trabalho? Evidente que sim. Assim, de acordo com a dinâmica de mercado, estes podem ter surpresas desagradáveis, e a falta de planejamento levá-los a uma situação de decepção e angústia passível de tratamento psicológico. Portanto, o projeto de retorno, está diretamente dependente do projeto de saída do país.

Um fator que preocupa boa parte dos entrevistados, sem dúvida, é a expectativa do que fazer no âmbito profissional quando retornar ao Brasil. Estudar? Trabalhar? Ou ambos?

A pesquisa demonstrou que 29% dos entrevistados têm idade entre 18 e 25 anos, e nem todos concluíram seus estudos, seja em nível de primeiro ou segundo graus ou em cursos técnicos e superiores.

Assim, a concretização de um projeto de estudos no Japão ou no retorno ao Brasil, deve fazer parte do planejamento dos *dekasseguis*. No entanto, a grande maioria pensa em investimentos de retorno financeiro, deixando as possibilidades de ascensão cultural e intelectual de lado, acabando por voltar com o desejo de tornar-se futuro empresário.

Diante disso, algumas empresas ou políticas de direcionamento e investimento oficial de vários Estados ou cidades do Brasil, e também de outros países, remetem, com frequência, pessoas extremamente preparadas em convencimento para o Japão, no intuito de disseminar o sonho de transformá-los em empresários, cooptando boa parte dos recursos financeiros ganhos com suor e dificuldades dentro das fábricas japonesas.

Algo, sem dúvida, não planejado e previsto pelo *dekassegui* antes de sair do país. No capítulo “As Perspectivas” abordaremos melhor essa questão. Inclusive relacionando até o período de 1998 quais empresas conseguiram êxito neste sentido, deixando

descapitalizados e decepcionados *dekasseguis* que, além de não ter a oportunidade de realizar-se como empresários, investiram somas expressivas nessas empresas e hoje movem ações judiciais contra elas na tentativa de reaver o dinheiro investido.

Outras necessidades aparecem com o tempo e são difíceis de serem planejadas antes do embarque. Causa certa estranheza por parte dos japoneses a presença maciça de jovens brasileiros sem ter concluído o ensino fundamental e médio no Brasil antes de ir ao Japão. O que é pior, lá, por falta de interesse dos pais ou responsáveis, não estudam em escolas brasileiras e nem japonesas.

Existem oportunidades para estudos e/ou aperfeiçoamento de idiomas como japonês e inglês. Em várias cidades, os cursos são oferecidos pela própria prefeitura. Mas, há cursos em escolas particulares, através de associações de brasileiros residentes no Japão.

Outra informação importante, é que as prefeituras de cidades japonesas com ampla concentração de brasileiros dispõem de serviços específicos para estrangeiros, não apenas referentes à retirada da identidade japonesa, denominada Gaijin Toroko, no setor de saúde, onde é possível escolher e se associar a um plano de saúde, além de obter informações para uma melhor mobilidade dentro do município.

Algumas oferecem mapas escritos em inglês, português, espanhol e é claro, em japonês. Estes são legendados e identificam os principais serviços oferecidos pela cidade, a exemplo de estações de trens, hospitais, terminais rodoviários, áreas de lazer, pontos de táxi e outros dados necessários que favorecem a mobilidade dos estrangeiros.

Os mesmos tipos de serviços são prestados por associações internacionais da respectiva cidade ou província, além de algumas possuir em dias específicos, ou em caráter comercial, tradutores para auxiliar brasileiros ou outros estrangeiros.

Caso o nível de dependência do *dekassegui* em relação à empreiteira seja indispensável, devido ao não domínio por completo do idioma japonês, esta disponibiliza um funcionário, denominado de Tantoshi para acompanhá-lo aos locais desejados.

Nem sempre é possível contar com a assistência destes, pois, não despertam credibilidade por defender com unhas e dentes os interesses dos agenciadores. Também são explorados através de baixos salários, privados de um horário de trabalho específico, final de semana e, nem sempre fazem traduções de acordo com os interesses do solicitante.

No geral, o Tantoshi organiza grupos de brasileiros os quais são encaminhados para os locais como prefeitura e hospitais para resolução dos problemas. Há exceção. Entretanto, no geral, o Tantoshi é o homem responsável pela concretização das relações de trabalho entre o agenciador e a empresa contratante. Assim, se colocam como os

anhos da guarda dos funcionários dentro da empresa. Porém, dificilmente atendem às necessidades colocadas pelo trabalhador brasileiro na sua relação de gestão de trabalho dentro da empresa.

Em outras palavras, esteja ou não adaptado ao trabalho, à jornada, ao tipo de manejo de maquinário, do produto químico utilizado, da falta de segurança, dos males diários pela repetição dos movimentos, do peso, da sujeira, enfim, de problemas nesta esfera, o Tantoshi evita ao máximo expor, defender, reclamar com o chefe japonês sobre as dificuldades ou problema de saúde vivenciado pelo brasileiro na sua função. O máximo que faz é pedir que se esforcem, pois, logo o organismo se acostuma com o trabalho. Assim, tenta convencê-lo diante de promessas futuras de que pode com o tempo ser transferido para uma seção melhor, e tudo pode ser resolvido.

Por sua vez, o chefe japonês mesmo percebendo tais dificuldades pode também nada fazer para resolver. Afinal, no Brasil os descendentes são considerados japoneses e no Japão, estrangeiros, recebendo a denominação de “Gaijin”.

Portanto, um planejamento bem feito antes de sair do país, deve ter incluído em seus objetivos. Quanto ao domínio do idioma, dispor do mínimo necessário para poder construir dentro da empresa com o tempo, melhores relações com os japoneses, não dependendo de colegas de trabalho no processo de traduções, como também, dos encarregados das agências, os Tantoshi.

Essa breve exposição sobre as reais necessidades de melhor preparar e, o que levar em consideração na hora de decidir-se por emigrar ao Japão, deixa claro que o sucesso da experiência pode ser comprometido, caso não se leve em consideração alguns aspectos básicos que no futuro possam reforçar a crise de identidade e torná-los pessoas frustradas e problemáticas diante dos aspectos negativos da experiência.

Capítulo 3 – As Primeiras Dificuldades em Território Japonês

3.1 – Os problemas enfrentados na adaptação

A pesquisa contribuiu para desvendar uma série de problemas de adaptação dos *dekasseguis* à nova realidade de vida no Japão, em especial às novas condições de trabalho, espaço de moradia, relacionamento, transportes, discriminação dentre outros conflitos.

A partir de então, far-se-ão algumas considerações a respeito de cada aspecto e suas respectivas implicações para a dinâmica de adaptação dos *dekasseguis*.

No que se refere às condições de trabalho, a pesquisa demonstra que a adaptação à disciplina, à organização e à hierarquia são fundamentais para o sucesso da experiência, como também, para as questões relativas ao conflito de identidade.

A organização e gestão do trabalho exigem alguns cuidados essenciais sob a ótica e o perfil de atuação perante os olhos dos japoneses. Não se pode vacilar na questão do tempo, da segurança, qualidade e perfeição do produto final.

O cumprimento dos horários, por sua vez, transforma a gestão do trabalho em uma atividade de difícil adaptação para os brasileiros. Pois, estes, comparados à flexibilidade adotada pelas empresas brasileiras, são restritos para algumas necessidades básicas.

A começar pela manhã, cabe aos *dekasseguis* ingressar nos espaços da empresa já munidos de seus respectivos crachás, como também, utilizando toda parafernália relativa a segurança, como óculos de proteção, protetor de ouvido, botinas especiais, calças e camisas de mangas compridas. Completam tais acessórios, de acordo com normas de cada empresa, capacetes ou bonés.

Assim, está pronto para o primeiro compromisso diário, a realização dos exercícios, conhecidos como “Taissô”. Após essa etapa, participa de reunião geral ou na seção de trabalho, onde a meta produtiva do dia é estabelecida. Ligadas as máquinas, todo esforço se volta para a produção.

Os poucos intervalos para o descanso são 2 diários de 5 minutos cada, dependendo da empresa. O almoço deve ser realizado no período de 45 minutos a contar da saída do local de trabalho até a volta para a máquina.

Neste ritmo, os *dekasseguis* chegam ao final do dia completamente exaustos. Há de se considerar ainda, que estes geralmente fazem revezamentos de turnos, trabalhando

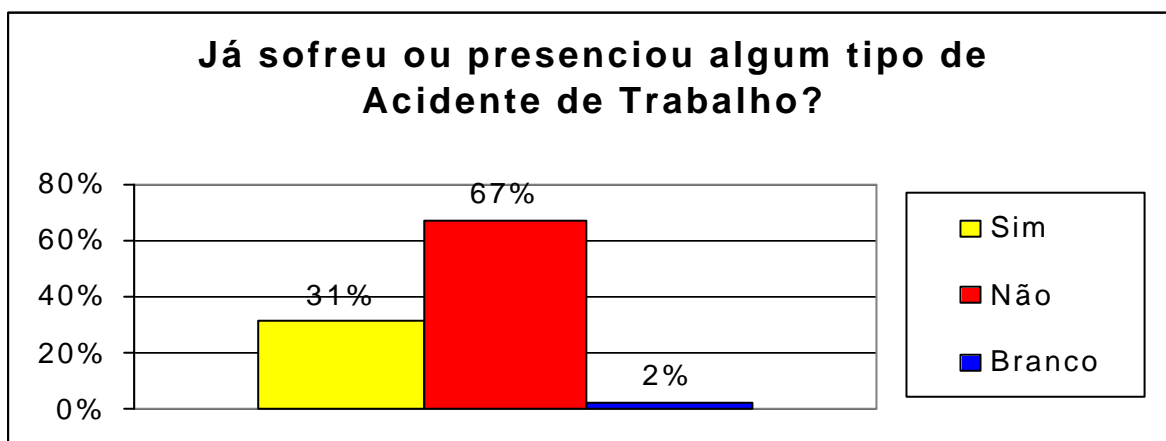
em média de 4 a 6 dias no horário diurno e, na semana seguinte, iniciam suas atividades no período noturno.

Assim, as chances de acidentes, em função do cansaço excessivo, tornam-se riscos constantes, pois, apesar dos utensílios com o objetivo de evitá-los, são quase que inevitáveis.

É obvio que a pesquisa também detectou outras áreas de atuação e atividades, cujas formas de organização para o trabalho, como também, a estrutura e gestão, sofrem alterações de acordo com outras necessidades. Porém, o que se vê no âmbito geral, são espaços de trabalhos assim constituídos, por se tratar de médias ou grandes empresas.

No tocante a segurança, a pesquisa apurou que 67% dos entrevistados, - Gráfico 4 - apesar de nunca ter se envolvido com tais ocorrências, tinha esta como grande preocupação.

Gráfico 4 – Já sofreu ou presenciou algum tipo de acidente de trabalho?



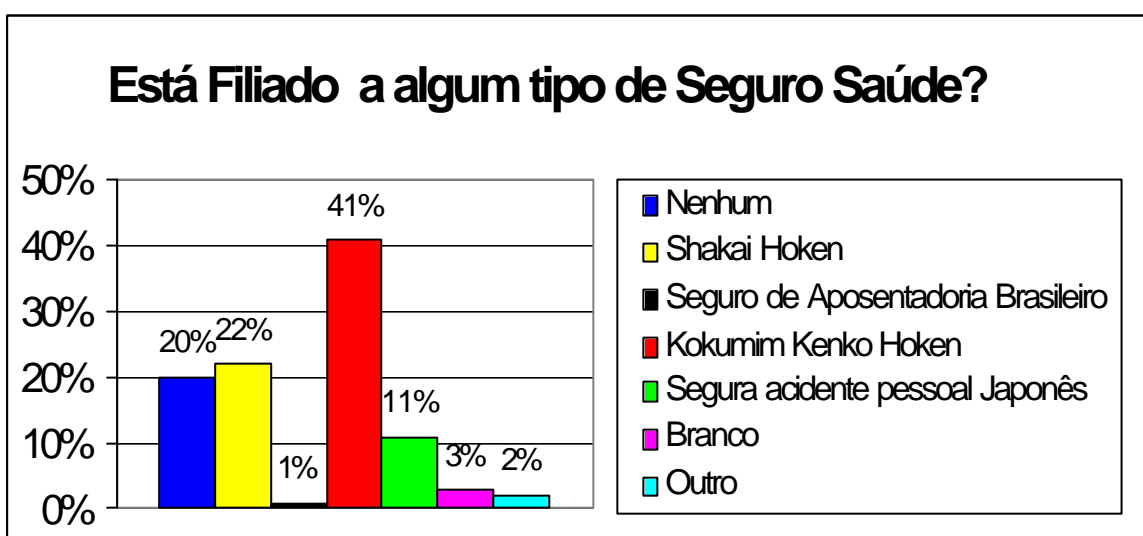
Org.: Milton Saito (Japão 1998)

No entanto, 31% dos entrevistados responderam ter conhecimento sobre tais situações. Apenas 2% dos pesquisados não se manifestaram sobre o assunto.

Quanto a obtenção de plano de saúde, 20% dos *dekasseguis* responderam não estarem preocupados com a questão. Quanto ao tipo de seguro saúde, o mais indicado pelo próprio Ministério do Trabalho do Japão é o Shakai Hoken (seguro de saúde) administrado pelo governo japonês e utilizado segundo a pesquisa por 22% dos brasileiros.

Os *dekasseguis*, em sua grande maioria, como mostra o Gráfico 5, optam pelo seguro mais comum, oferecido pelas prefeituras do Japão, o Kokumin Kenko Hoken (Plano de Saúde para Autônomo). O motivo principal dessa opção é que este tipo de seguro propicia descontos menores nos holerites, como também, coberturas menores em caso de acidente.

Figura 5 – Está filiado a algum tipo de Seguro Saúde?



Org.: Milton Saito (Japão 1998)

No plano das relações de tratamento, outro aspecto que merece atenção, é a necessidade de respeito aos chefes superiores. Aliás, o respeito à hierarquia é um dos aspectos, sem dúvida, responsáveis pelo salto na produção dentro das empresas. A atividade pode ser considerada difícil, árdua, o trabalhador pode estar exausto, fisicamente ou mentalmente, mas, jamais deve, segundo costumes e hábitos no Japão, se negar e descumprir uma ordem – solicitação de um superior. Diante de uma situação problema, por exemplo, deve assumir seus erros, como também não é comum dentre estes mentir, se negar, ou mesmo responder ao superior quando chamado à atenção. Ouvem quietos, de cabeça baixa e, sempre dizem Hay (sim), mediante qualquer solicitação.

A jornada intensa de trabalho somada às dificuldades de adaptação a novas perspectivas de hábitos e costumes, leva o *dekassegui*, dependendo do dia e da hora, ao descrédito em relação aos sonhos e planejamentos iniciais.

O estresse diário, as cobranças dentro da empresa, de colegas ou amigos, parentes no Japão ou no Brasil, tornam-se uma tarefa difícil para o *dekassegui*. Há evidências

de inúmeros casos em jornais, revistas e em matérias veiculadas pela televisão em idioma português, que muitos não suportam a pressão e acabam descarregando este estresse em situações de jogos, prostituição, drogas, tornando o sonho ainda mais distante.

Assim, as adaptações, os enfrentamentos diários, com o tempo, vão desgastando as relações, além de provocar sérias degenerações físicas e mentais, exigindo maiores cuidados com a saúde, a começar por uma boa alimentação e um bom plano de saúde.

Nesse momento, torna-se importante salientar que, essa questão especificamente, demanda uma série de outras perspectivas de análise, as quais, não serão aprofundadas em nossa discussão. Pois, nos deteremos aos objetivos propostos pela pesquisa.

Outro fator importante, no que se refere à adaptação, são as formas de comunicação disponíveis, a exemplo do telefone. O telefone é indispensável para a organização da vida diária e, igualmente, psicológica do *dekassegui*. Com ele, e através dele, pode se fazer contatos sem que sejam necessários deslocamentos de curta ou longa distância.

São utilizados comumente para ligar para amigos, parentes e resolver problemas pessoais ou se informar de normas e serviços dentro da sociedade japonesa. Para tanto, os brasileiros, às vezes, possuem uma linha de telefone residencial, com fax, ou telefones celulares. Popularizado no país, o celular quase sempre é ganho em uma grande compra que se faz, ficando o usuário com a responsabilidade da manutenção.

Há situações em que as pessoas marcam encontros em centros urbanos, estações de trens, e assim que chegam ao local marcado, caso haja certa dificuldade de visualizar o ente querido ou amigo, um liga para o outro dando a identificação exata do local em que se encontra. Geralmente, estes encontros acontecem dentro ou fora das estações de trens e do metrô.

Outra situação, é quando se quer localizar alguém dentro da empresa, em horário de saída destes para casa. Em meio à multidão de operários, alguns utilizam o celular para localizar outras pessoas.

Na empresa “Hatano Paper Center”, por exemplo, o pesquisador quando necessitava marcar encontro, para combinar horário de saída, com a esposa, em seções de trabalho diferentes e distantes, o fazia através do celular. Geralmente, após o sinal de término do dia de trabalho, o autor efetuava ligações de seu vestuário, para o vestuário feminino para localizar a esposa, e marcar encontro na saída.

Outra forma útil é controlar as crianças através do celular. Com estes mecanismos, muitas famílias resolvem alguns problemas e preocupações, seja de casa para a

rua ou do trabalho para casa. Às vezes, no momento de almoço, os pais mantêm contato com os filhos em casa através do celular.

Por ser um mercado ativo, o número de modelos destes aparelhos é bastante diversificado, inclusive opções e marcas. As variedades apresentam cores chamativas, modelos pequenos ou maiores, com uma série de serviços, dentre eles, a habilitação de número para ligações internacionais, ou seja, para o Brasil.

Alguns se adaptam tanto à utilização do celular que acabam por se desfazer da linha convencional e passam a utilizar somente os celulares. Essa medida também ajuda na contenção de despesas mensais de manutenção de uma linha fixa.

Os aparelhos podem ser encontrados em vários pontos de venda do Japão, seja nas lojas especializadas japonesas ou mesmo nas lojas de produtos brasileiros. A maior parte dos aparelhos, apresenta opções de manejo e escolha de serviços em idioma japonês e inglês.

Apesar de dificuldades com o inglês, este por fim acaba sendo mais útil do que o manejo em idioma japonês, pois a pesquisa de campo demonstrou que boa parte dos brasileiros desconhece a leitura neste idioma. Entendem o suficiente para diálogos nas relações de trabalho, o que já satisfaz pela sua permanência em território japonês.

3.2 – As perspectivas

Em meio aos *dekasseguis* é comum nas rodas e conversações, seja nas fábricas ou em outros pontos de encontro, uma discussão sobre salários, horas-extras e, principalmente, do momento ideal para converter a moeda de iene para dólar e posterior envio de remessas para o Brasil, pensando assim nas perspectivas futuras.

Este acompanhamento do dólar se dá em função da capacidade de ganho extra sobre os rendimentos, obtendo-se lucros apenas com a conversão da moeda. Há situações em que o envio de remessas para o Brasil possibilita até a duplicação dos rendimentos, ou mesmo, outros níveis de satisfação e investimentos em função da moeda americana.

Em entrevista ao autor da pesquisa, Mário Kodama, jornalista que exerceu a profissão em Tóquio pelo período de 8 anos, conta que para os brasileiros residentes no Japão há situações específicas para aquisição de dólares, apesar de afirmar que, comparado à oscilação desta moeda no Brasil, o grau de flexibilidade em território japonês é bem menor do

que a variação ocorrida no Brasil. Assim, pode-se dizer que os *dekasseguis* desfrutam de situação privilegiada, pois a oscilação da moeda no Japão dificilmente ultrapassa a casa dos 30% de diferença entre o dólar e a moeda local, o iene.

Mesmo pagando na compra de dólares preço considerado alto no Japão, a grande vantagem é obtida no envio destes recursos para o Brasil, onde a moeda em períodos de instabilidade política ou por falta de credibilidade de instituições financeiras nacionais ou internacionais, forma uma gama de informações meramente especulativa fazendo com que o dólar no Brasil chegue a atingir patamares elevados, possibilitando aos *dekasseguis*, às vezes, até a duplicação do capital poupado.

Essas amplas possibilidades são naturalmente garantidas pelas instituições bancárias com agências em território japonês, desenvolvendo formas de atendimento, orientação e outras, dando total segurança legal para os *dekasseguis*. Comumente, é desnecessário o deslocamento de pessoas até as agências pelo fato de estas disporem de folhetos informativos e práticos formulários que podem ser remetidos até a instituição bancária através das agências de Correio.

Num primeiro momento, os *dekasseguis* ficam meio arredios a esta forma de procedimento temendo extravio dos recursos internamente, ou seja, o desaparecimento do dinheiro por parte dos funcionários do Correio. Apesar das desconfianças, este tipo de serviço é prestado de forma satisfatória a ponto de nestes anos de movimento *dekassegui* nunca sequer soube-se de comentários sobre o desaparecimento ou outros tipos de problemas no envio de dinheiro via Correio.

O mesmo não se pode dizer em relação àqueles que buscam burlar a lei não efetivando os pagamentos devidos dos impostos, no caso de remessas financeiras para o Brasil de forma direta, sem a utilização e procedimentos legais dos serviços prestados pelas instituições bancárias. Para tentar ingressar no país com dólares conseguidos no Japão, brasileiros tentam concretizar o envio através de cartas registradas colocando as cédulas de papel em meio às folhas de carta e fotografias para os entes queridos no Brasil.

A estratégia pode dar certo, se não houver uma rígida avaliação por parte dos funcionários do Correio brasileiro mediante tais correspondências. Porém, não é difícil cartas sem registro abarrotadas de cartões postais e também com somas consideráveis em dólares desaparecerem dentro das agências de Correio no Brasil. Segundo a própria direção, o Correio em conjunto com a Receita Federal, diante de situações de desconfiança pela presença de dólares dentro dos envelopes, efetuam legalmente a abertura para a averiguação e, constatada qualquer irregularidade, estes são punidos com as providências cabíveis.

Outra forma considerada ilegal de procedimento com a entrada de dólares no país é a anexação em partes do corpo de bolsas contendo quantias expressivas de dólares, cujo transporte ocasionalmente não é detectado pela fiscalização alfandegária. De qualquer modo, além de oferecer grandes riscos em função da ilegalidade, este tipo de procedimento coloca em risco a própria segurança de quem o transporta em território brasileiro.

Os meios de comunicação de massa não se cansam de anunciar roubos, furtos organizados e feitos por ladrões e quadrilhas especializadas no assalto aos *dekasseguis* assim que retornam do Japão. No aeroporto internacional de Guarulhos, (aeroporto de Cumbica), apesar da intensa movimentação de aeronaves e passageiros, os *dekasseguis* são presas facilmente identificáveis, principalmente porque retornam do Japão com o corpo branco pela falta de tomar sol mais freqüentemente no Japão.

A abordagem é comumente feita no percurso do retorno à cidade natal dos *dekasseguis*. Assim que deixam as dependências do aeroporto, estes ao trafegar pelas vias da cidade de Guarulhos, nas proximidades da cidade de São Paulo, são consideradas presas fáceis. Numa abordagem deste nível, além dos dólares perdidos, que pode representar a soma total de sua experiência de trabalho no Japão, corre ainda o risco de ter os pertences pessoais roubados. As quadrilhas sabem que no retorno os *dekasseguis* trazem equipamentos eletrônicos como aparelhos de som, filmadoras e outros com valores de mercado considerados produtos importados.

Outra perspectiva que preocupa e incomoda os *dekasseguis*, é a visão que os japoneses possuem do Brasil. No início, estes se sentem revoltados, pois, como brasileiros lá, buscam, sempre que possível, contestar o papel da mídia.

Este é um tema cuja repercussão através dos meios de comunicação e de redes que alimentam o processo de globalização, acabam por ocorrer de forma quase que simultânea no Japão, como também, em outros países onde há intensa presença de brasileiros. O Brasil, observado do exterior, possui uma imagem arranhada, que gera medo (insegurança), dificultando a decisão de retorno destes ao país.

Três fenômenos culturais brasileiros são explorados pela mídia mundialmente. Visto do exterior são: o futebol, a exploração e preservação da Amazônia e o Carnaval. Mas, na atualidade, com a globalização e o elevado índice de violência nos centros urbanos e no campo, as imagens destes conflitos somadas à pobreza decorrente da má distribuição de renda, ganham notoriedade internacional. As favelas, os cortiços, a exploração de menores no trabalho, a prostituição e a corrupção, também são apresentados com conotação pejorativa a nossa forma de organização social.

Brasileiros que chegam ao Japão servem como testemunhas oculares sobre os problemas do país. No geral, contam suas dificuldades e generalizam como, sendo o problema – via de regra - da grande maioria da população em território brasileiro. Aumenta-se o descrédito, a insegurança e o *dekassegui* assim, adia por mais algum tempo o retorno ao país.

Referente à exploração na mídia dos valores da cultura nacional, é claro que no caso do Japão, ressalta-se a exacerbação diante da imagem dos craques brasileiros do futebol. Isso porque muitos deles, presentes nas agremiações esportivas do Japão, realizam um excelente trabalho neste esporte.

Dentre os destaques, o primeiro e mais conhecido brasileiro é o jogador Ramos, casado com japonesa e há muitos anos no Japão, adquiriu a condição de cidadão japonês e jogou no ano de 1998, algumas partidas defendendo a seleção japonesa de futebol. Mas, outro grande ídolo, de expressão, é o jogador Zico. Ele que passou por uma grande temporada atuando no Japão, hoje é diretor de honra de um dos clubes, técnico da seleção nacional e, principalmente, sua imagem é explorada pela mídia como garoto propaganda de produtos japoneses. Na cidade de Kashima, província de Ibaraki-ken, há em uma das praças um busto de bronze (estátua) em homenagem ao atleta. No entanto, a grande surpresa para os *dekasseguis*, é ao assistir os canais de televisão ou mesmo adentrar um vagão do metrô ou ônibus, deparar-se com a imagem do “Zico”. Na maioria das vezes, em decorrência da falta de domínio da língua japonesa escrita e falada, o *dekassegui* fica até sem saber que tipo de produto ele representa naquela propaganda. Mas, sem dúvida, orgulha-se de ter a foto do jogador, em meio à multidão de japoneses.

Sobre a Amazônia, o canal de televisão estatal, a NTK, exhibe constantemente documentários sobre a vida dos colonos da Amazônia, com ênfase mostrando as condições precárias de moradia, a exemplo das palafitas. Focalizam a cozinha de higiene comprometida, onde alimentos perecíveis como os peixes, ficam expostos. As dificuldades de espaço e a escassez de utensílios domésticos. Muitos dos objetos são frascos, latas e outros tipos de embalagens que passam a fazer arte dos utensílios domésticos dentro das casas. Essa visão, fez com que numa oportunidade um brasileiro trabalhando na Kubota Tratores, unidade de produção de Tsukuba, em Ibaraki-ken, denominado Élcio, fosse indagado por um colega de trabalho japonês, da seguinte forma. Élcio ao comentar a necessidade de receber naquele mês o pagamento, para presentear sua mãe com um televisor em cores no Brasil, não imaginou que seu colega japonês depois de ouvir a afirmativa ficara três dias sem falar com ele, sob a pré-suspeita de achá-lo mentiroso. Motivo: “Não existe – na visão deste operário japonês - televisor em cor no Brasil”.

Relacionamento de amizade retomado, disse ainda ao amigo Élcio que achara isso mesmo porque sempre assistira pelos documentários da NTK, matérias sobre o país com ênfase as condições de pobreza. Para ele, também o Rio de Janeiro é uma cidade onde somente se vê mulatas, em decorrência do Carnaval. Assim, a opinião e a visão do Brasil, sob a ótica restrita no exterior, revela um Brasil muito aquém da realidade.

A pesquisa buscou resgatar as diversas formas de comunicação utilizadas pelos brasileiros na coleta de informações sobre o país. Algumas perguntas, mesmo que subjetivamente, buscaram através da preferência da vasta literatura disponível em formato de jornal, e também baseada nas programações televisivas dos canais brasileiros. Primeiro, é preciso esclarecer que parte desta produção televisiva é gravada no Brasil, e copiada no Japão por outros brasileiros que se especializaram na elaboração de cópias com a finalidade de alugá-las aos brasileiros que não possuem ainda um canal via parabólica para acompanhar de forma direta a programação exibida pelo IPC/TV, um canal de retransmissão, no ano de 1998, de boa parte da programação da Rede Globo de televisão, e em percentuais menores, a programação da Rede Bandeirantes e da Rede de Televisão Cultura. Estas fitas eram comercializadas livremente pelas ruas, através de caminhões, vans e outras formas de transporte e de venda de produtos brasileiros. Também, eram facilmente encontradas nas lojas de produtos brasileiros. O consumidor – trabalhador brasileiro, como demonstra a pesquisa, tem ao seu alcance um grande número de opções de fitas piratas, novelas, filmes estrangeiros e muitos outros documentários históricos. O preço acessível faz das fitas piratas um comércio tão lucrativo que muitos trabalhadores optaram por deixar as atividades na fábrica para se estabelecer como copiadador em um local – geralmente residencial – para a reprodução das fitas. Como infra-estrutura, o pesquisador chegou a visitar uma residência com mais de 80 vídeos, conectados a várias outras matrizes, reproduzindo dia e noite fita da programação da televisão brasileira. Um verdadeiro emaranhado de fios elétricos espalhados pela residência, desafiando os perigos provenientes da falta de um acompanhamento técnico mais seguro e supervisionado por autoridades competentes, a exemplo do corpo de bombeiros.

Na área de acesso à imprensa escrita, há considerável comercialização de jornais regionais produzidos no Brasil, a exemplo da “Folha de S. Paulo”, “Folha de Londrina”, “O Estado de S. Paulo”, e outros produzidos no Brasil por empresas especializadas em atender aos descendentes de japoneses, como o caso do jornal “Nippo Brasil”, produzido aqui mas com parte de suas seções voltadas a informar os *dekasseguis*. O mesmo acontece com a produção da revista – comercializada no Brasil e no Japão, denominada “Made In

Japan”. As pautas – matérias – são elaboradas no Japão, mas, a sua edição é montada no Brasil devido aos custos de produção serem inferiores aos de lá.

Em 1998, havia registros de empresas jornalísticas – instaladas em território japonês - voltadas a editar jornais semanais e quinzenais aos brasileiros no Japão. Com maior circulação, são eles: “International Press”, “Tudo Bem”, “Nova Visão” e “Folha Mundial”. Os dois primeiros possuem sede na capital japonesa e mantêm correspondentes distribuídos pelas províncias de maior concentração de brasileiros. O “Nova Visão” e a “Folha Mundial”, estabeleceram sede na cidade de Hamamatsu – província de Aichi-ken.

No que se refere à mídia do Brasil, assim que os *dekasseguis* se instalam no Japão, buscam como forma de lazer e atualização noticiosa, leituras frequentes de informações sobre o país.

Muitos dos apresentadores revelados recentemente pela televisão brasileira, ficaram conhecidos dos brasileiros residentes no Japão, através do acesso a estas fitas piratas. Um exemplo claro, é que as polêmicas provocadas pela forma de atuar de alguns deles, como Ana Maria Braga e Ratinho, eram assuntos preferidos nas discussões de roda de brasileiros, seja na fábrica, em casa, ou mesmo em outras localidades públicas. Os programas como “Caça e Pesca”, “Programa do Jô” e “Pequenas Empresas, Grandes Negócios”, também são líderes de audiência no Japão junto à comunidade brasileira .

Sobre as novelas, é preciso destacar que muitos alegam assistir, para matar saudades do jeito do brasileiro ser, para ver as tendências de moda do país, acompanhar a produção musical, os temas debatidos e outros temas. Muitos, apesar do assíduo acompanhamento de capítulos, negam quando caracterizados pelos amigos de “noveleiro”.

Outro aspecto curioso, é que para economizar, os brasileiros combinam que tipo de fita alugar e, feito isso no meio da semana, se comprometem a assistir a programação rapidamente para efetuar posteriormente a troca de fitas com amigos, aumentando seu leque de opções, sem gastar mais com as locações. No que se refere ao aluguel – pagamento de assinatura – com o canal de televisão IPC/TV, é comum, apenas um assumir os compromissos com a assinatura e outros colegas de apartamentos próximos, através da instalação de cabos, desfrutem dos programas, ajudando mensalmente no pagamento da manutenção da assinatura, feita pelo amigo.

Em relação a jornais, também acontece o mesmo. Cada um compra uma das edições e, após ler, troca com o colega. Enfim, adotam-se vários mecanismos, típicos do “jeitinho brasileiro” para economizar e desfrutar de mais informações.

Outros, pelo simples fato de estar no Japão, são taxativos: “não quero saber de informações sobre o Brasil”. Esse tipo de comentário era muito comum nas mesas de fábrica, de manhã, na hora do almoço ou mesmo nas conversas mais descontraídas fora do ambiente de trabalho. Alguns, expressam trauma de ter perdido bens, dinheiro e passado necessidades por viver o dissabor de ser derrotado pelas constantes crises de instabilidade do processo econômico brasileiro. O Plano Collor, conforme demonstram alguns depoimentos, no período de retenção do dinheiro da poupança, obrigou muitos a deixar o Brasil às pressas para buscar recursos no Japão.

Ainda dentro das perspectivas de adaptação, a pesquisa apurou questões relativas à inserção dos *dekasseguis* no mundo da computação.

A experiência de trabalho “in loco”, também deixa algumas contribuições bastante curiosas quanto a necessidade de desenvolver as atividades e, simultaneamente, efetuar o registro de cada tarefa realizada em computadores, seja da seção ou destinado a controlar ou mesmo identificar a produção diária. Neste caso, o computador é de caráter pessoal, sendo acessado para o registro do andamento através de senhas fornecidas pela própria empresa.

Na Hatano Paper Center, localizada na província de Kanagawa, na cidade de Hadano, os brasileiros que ali prestam serviços, foram submetidos a este regime de controle. Inicialmente, a resistência à idéia fora bastante criticada tanto pelos trabalhadores brasileiros quanto pelos japoneses que vêem a produção de forma mais tradicional, pelo seu resultado, abominando a idéia de ser controlado pelos computadores.

A empresa, segundo os idealizadores do programa, investiu somas consideráveis para viabilizar o sistema. Portanto, no momento de sua aplicação, os funcionários receberam dos chefes cursos de pequena duração contendo esclarecimentos básicos relativos à implementação do sistema e a sua importância.

Neste caso, foi abolido o cartão de presença. Ou seja, é de responsabilidade do funcionário, assim que adentrar a seção, efetuar o registro (abertura do turno de trabalho, utilizando a senha pessoal e efetuar o registro da primeira atividade que desenvolverá). A partir de então, este deverá registrar todos os procedimentos necessários frente à tarefa desenvolvida, até o registro do término de trabalho, naquela atividade, e é óbvio, assim o registro de todas as atividades diárias posteriores. Os momentos de descanso, de no máximo cinco minutos, também são obrigatoriamente registrados, sob pena de ser chamado à atenção.

Para os funcionários administrativos, que acompanham a produção diária e sua evolução, como por exemplo: o que está sendo feito naquele instante com tal mercadoria,

em que fase se encontram tais encomendas, e outras informações de caráter produtivo, são assim melhor observadas, inclusive facilitando a decisão de oferecer naquele dia hora extra para determinadas pessoas ou seção, em decorrência da urgência para término daquele material.

Vê-se nesta medida, uma forma de acompanhamento, por parte destes, não apenas sobre a mercadoria e seu estágio de produção. Mas, também, quem a está produzindo, como está fazendo, quanto tempo está sendo utilizado para a conclusão daquela tarefa. Podem também controlar e fazer relações do tipo: quais funcionários desenvolvem em menor tempo as atividades propostas, e quais materiais ou atividades dependem de um tempo maior para serem desenvolvidas e assim por diante.

Para os brasileiros, as dificuldades iniciais registradas a partir da implementação do sistema, referem-se à leitura das informações apresentadas pelo programa. Como escritas no idioma japonês (Katakana e Hiragana), possibilitam uma grande incidência de erros. A assimilação dos mecanismos de funcionamento, vem com o tempo de utilização. Mas, nestes casos, a administração da empresa agirá com flexibilidade, perdoando os equívocos e buscando, a cada dia, informar e orientar os trabalhadores na compreensão e funcionamento do sistema.

Depois de aproximadamente 6 meses de implantação do sistema, brasileiros e japoneses, já familiarizados com a nova dinâmica, inclusive, no desenvolvimento das atividades noturnas, encontraram meios para burlar, ou melhor, maquiagem as informações sobre o andamento do trabalho. Não foi difícil, na experiência de trabalho junto a eles, efetuar o registro de determinada atividade e fazer outra. Ou ainda, constatar que naquele momento realiza tal função em horário de descanso. Essas possibilidades no período noturno são mais amplas em função da liberdade maior que o grupo possui, sem a presença de pessoas de cargo de chefia, que atuam nos horários de trabalho diurno.

No retorno do descanso, um colega ajuda o outro a completar rapidamente a tarefa. Na teoria, a execução coube apenas a uma pessoa, e em determinado tempo. Na prática, o trabalho foi registrado em um contexto, e desenvolvido em outro, ou seja, feito por uma ou mais pessoas, em horários diferenciados nos registros. Outra perspectiva exigida na adaptação destes, são as participações comunitárias.

Um dos casos chamou a atenção na pesquisa: na residência de alguns brasileiros funcionários da Hadano Paper Center, em um conjunto de prédios, cercado de terra e gramineas, a diretoria responsável pelos cuidados de capinagem e outros relativos à limpeza do local, estabelece sempre o último domingo do mês, como dia de faxina. Cabe ao morador

do apartamento, neste caso, liberar uma pessoa que ali reside para, no mínimo, dedicar na limpeza em forma de mutirão, uma hora de seu domingo.

Dentre os funcionários brasileiros, ali residentes, muitos assimilaram a proposta facilmente, tendo participado do mutirão ao chegar do trabalho, depois da jornada noturna, ou antes de ir ao trabalho. Nestes casos, doam ao mutirão apenas 45 minutos, restando 15 minutos para se deslocar até a empresa a fim de iniciar a jornada de trabalho. Houve, ainda, o registro de situações onde, a aceitação da idéia fez com que desçam todos do apartamento para limpeza, em vez de uma só pessoa. É um momento em que, além de priorizar a manutenção da limpeza do espaço físico, serve como meio de se aproximar dos vizinhos japoneses e ampliar os laços de amizade, facilitando a convivência diária.

A coordenação dos trabalhos é feita pela diretoria que distribui aos participantes do mutirão, material de higiene e limpeza, de segurança e outras ferramentas necessárias. Determina, igualmente, o que cada um fará no decorrer daquela hora. Os que vencem primeiro as suas tarefas, ajudam aos demais.

Ao término das atividades, recolhem-se as ferramentas para guardá-las. O mesmo coordenador destes trabalhos, uma espécie de síndico, é responsável pela troca de lâmpadas e outros afazeres necessários para a manutenção das instalações da moradia.

Há uma diretoria que, de acordo com as determinações estatutárias, pode ser mudada de ano em ano. Na composição desta, não há distinção, se mulher ou homem ou mesmo se japonês ou estrangeiro. Depois de um certo tempo ali residindo, muitos brasileiros são convidados a fazer parte da diretoria. Principalmente, aqueles que melhor dominem o idioma japonês. Para os que têm dificuldade de entender, sempre há um brasileiro que pode servir como intérprete e determinar as tarefas a serem executadas. O importante, além de participar, é fazer bem feito. Pois, os japoneses, apesar de não reclamar, checam as tarefas, e refazem-nas caso considerem insatisfatório o trabalho realizado.

Neste dia de mutirão, deve-se evitar chegar atrasado ao local de organização do grupo. Caso isso ocorra, os japoneses, após verificar a falta de alguém, dirigem-se ao apartamento e chamam o morador à responsabilidade. É uma situação de constrangimento que deve ser evitada.

Capítulo 4 - Retorno e readaptação no Brasil

4.1 – Pés no Brasil e a cabeça no Japão

A contribuição do geógrafo Milton Santos na abertura desta pesquisa, ilustra bem o que pode ocorrer com os *dekasseguis* no retorno ao país.

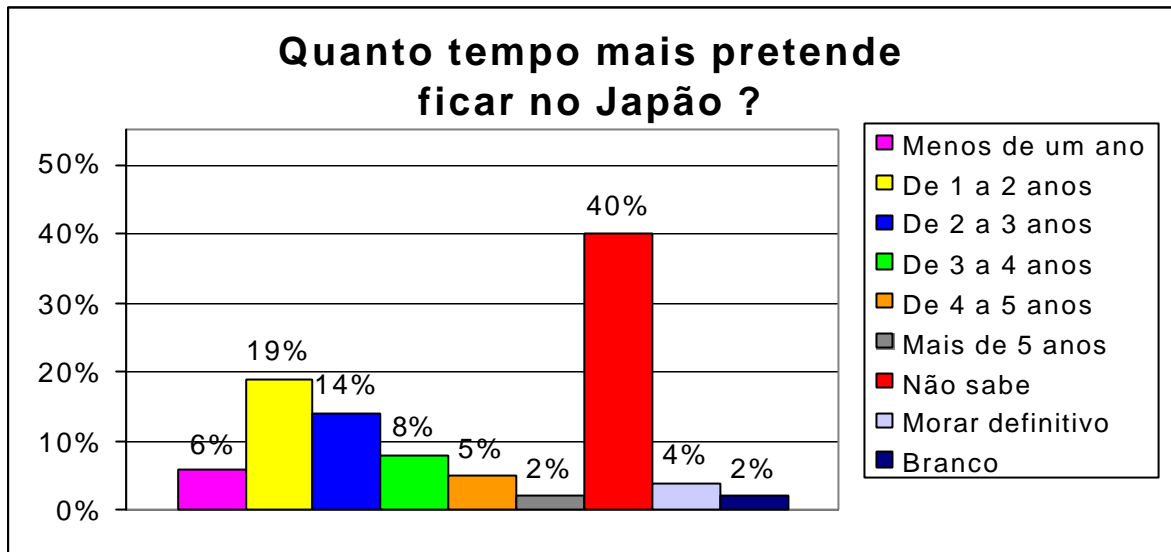
Retomamos aqui suas palavras:

Nas condições atuais, o cidadão do lugar pretende instalar-se também como cidadão do mundo. A verdade, porém, é que o "mundo" não tem como regular os lugares. Em conseqüência, a expressão cidadão do mundo torna-se um voto, uma promessa, uma possibilidade distante. Como os atores globais eficazes são, em última análise, anti-homem e anticidadão, a possibilidade de existência de um cidadão do mundo é condicionada pelas realidades nacionais. Na verdade, o cidadão só o é (ou não o é) como cidadão de um país. (MILTON SANTOS, 2001:113).

O retorno e a readaptação dos *dekasseguis*, após vivenciar a experiência do “ir” e “vir”, contribuem para aprofundar a visão cultural sobre o Japão. Um dilema que os convida para a reflexão de âmbito geográfico discorrida pelo geógrafo Milton Santos: que tipo de cidadania assumem os *dekasseguis*? São brasileiros, japoneses ou se reconhecem como cidadãos do mundo?

Para o entendimento deste perfil, a pesquisa demonstra que os brasileiros alteraram seus planos depois de determinado tempo de residência no Japão. O Gráfico 6 ilustra:

Gráfico 6 – Quanto tempo pretende ficar no Japão?

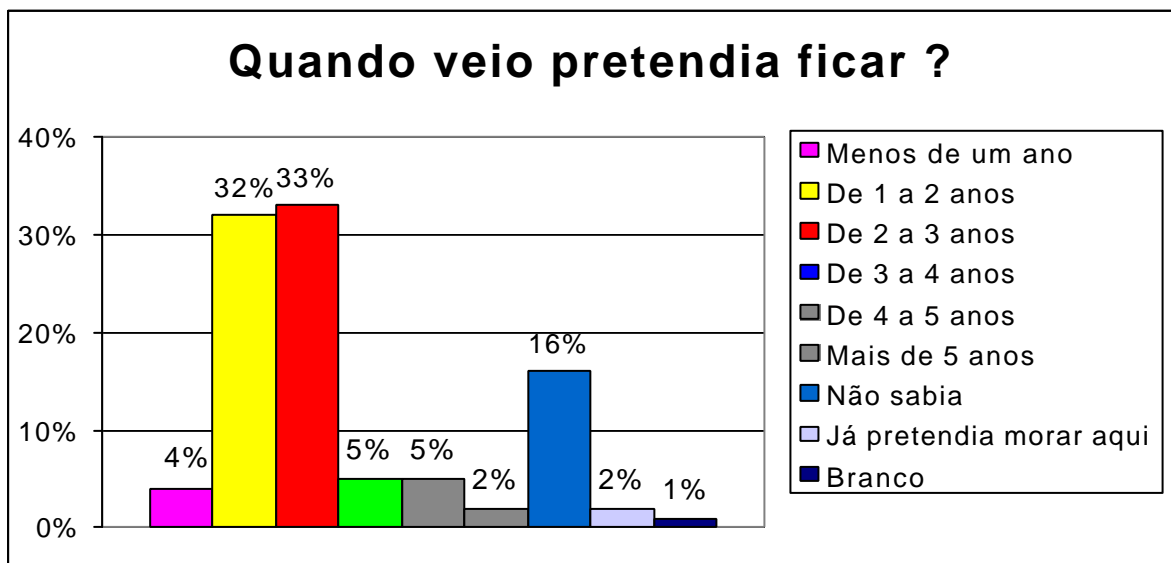


Org.: Milton Saito (Japão 1998)

Um total de 40% dos entrevistados respondeu não saber quanto tempo mais vão permanecer em território japonês. Apenas 6% demonstraram vontade em retornar para o Brasil em menos de um ano.

Por outro lado, o Gráfico 7, ressalta que 33% quando emigraram para o Japão, tinham como meta permanecer no país pelo período de dois a três anos. Prevendo viver uma experiência ainda mais rápida, 32% dos pesquisados tinham como objetivo ficar no Japão entre um e dois anos.

Gráfico 7 – Quanto tempo pretendia ficar no Japão?



Org.: Milton Saito (Japão 1998)

Conclui-se que apesar do planejamento da grande maioria contemplar períodos mais curtos, vários fatores, dentre os quais, o econômico, como visto anteriormente, foram fundamentais para essa mudança de comportamento.

Porém, a expressão cidadão do mundo, aparecerá em um dos depoimentos, onde o enfoque dado pelo pesquisado referia-se à questão da insegurança de retornar ao país e, após determinado tempo, ter que voltar ao Japão em decorrência dos problemas sociais, em especial o desemprego.

No intuito de perceber até quando a economia do Japão terá fôlego para absorver a mão-de-obra *dekassegui*, Reis afirma que o fenômeno já provou sua força ao comemorar dez anos em data assinalada pela realização, em São Paulo, do Simpósio “*Dekassegui – Dez Anos de História e Perspectivas Futuras*” – em primeiro de novembro de 1997. Sua continuidade parece assegurada, pelo menos no futuro previsível. Do ponto de vista do mercado de trabalho japonês, a despeito da recessão que enfrenta a economia nipônica, a carência de mão-de-obra deverá continuar. (2001:167)

Ao se referir à questão, Kawamura afirma que “a experiência do brasileiro pode consistir, em simples formação operária, considerada retrocesso, principalmente por aqueles que, com formação escolar superior, almejam outras oportunidades no mercado de trabalho brasileiro quando retornam. Sob outro prisma, em vista da possibilidade de qualificação por meio de cursos e eventos fora da empresa ou das chances em atividades qualitativamente diferenciadas, a formação pode conter aspectos que permitam uma inserção bem-sucedida do trabalhador no mercado brasileiro, caracterizando-a como um avanço. É importante destacar, aqui, que a formação do trabalhador transmigrante coloca questões a respeito dos limites de uma formação referida apenas ao mercado de trabalho, na medida em que pressupõe uma vivência multicultural, orientada para a convivência democrática. Essa formação mais ampla levanta questões sobre a importância da aquisição de uma visão cultural flexível”, condizente com a condição de cidadão do mundo”. (1999:210)

Por sua vez, essa flexibilidade parece ser regulada pelo termômetro do mercado de trabalho japonês. Porém, a grande questão que ainda se coloca: se o intenso processo de globalização japonês manterá, em sua estrutura, espaço para a participação dos estrangeiros através de sua permanência temporária ou mesmo definitiva no país?

Alguns sinais referentes a essa discussão dão prova do compromisso de uma abertura maior para os nikkeis, principalmente no tocante à educação dos seus filhos.

Colocada a público recentemente, a “Declaração de Hamamatsu Sobre a *Simbiose Regional*”, enfatiza:

Na medida em que avança o processo de globalização, em que se verifica a diminuição da taxa de natalidade e o envelhecimento da população, deve-se reconhecer que a simbiose regional se tornará uma questão muito importante, não somente nas nossas cidades, mas também em muitas cidades do Japão”.(CIATE, 2003)

O documento coletado pelo pesquisador na unidade do Ciate Paulista, demonstra que as autoridades japonesas sinalizam por mudanças significativas de política de cooperação em relação aos estrangeiros.

Sem dúvida, uma forma de reconhecimento do papel e da importância da mão-de-obra estrangeira no país.

Reis afirma ainda que “o percentual de pessoas com nível superior de educação, que hoje já excede os 40% da população japonesa, deverá aumentar de forma expressiva. (...) assim, a população educada e afluenta que compõe a sociedade japonesa não se interessa pelos trabalhos não-qualificados da indústria ou setor de serviços...” (Reis 2001: 169)

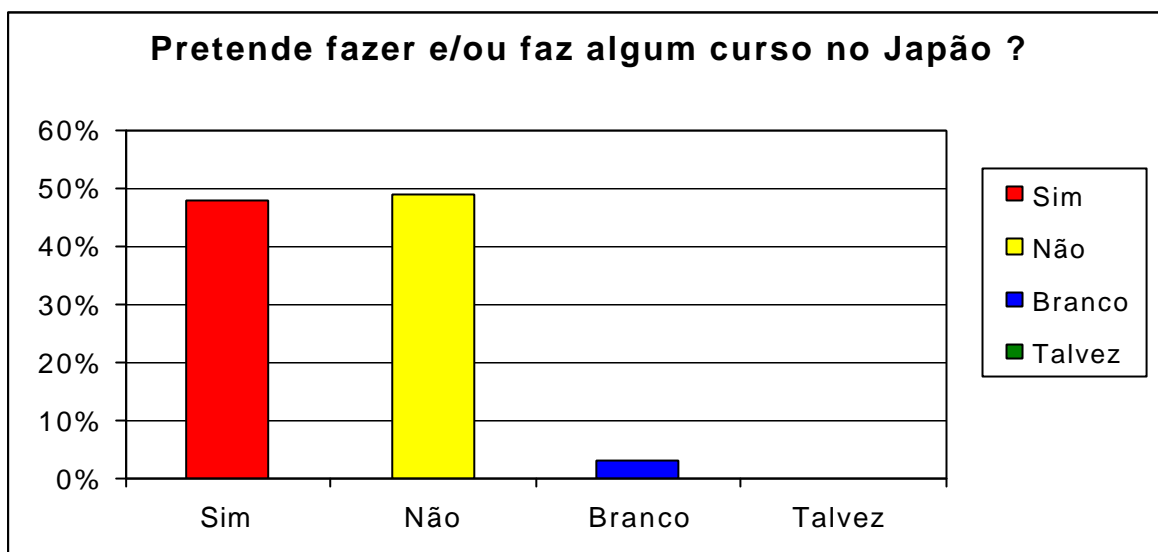
Ainda segundo a autora “estudiosos do processo demográfico japonês estimam que, no futuro, o Japão necessitará manter um contínuo crescimento econômico de forma a sustentar os atuais níveis de bem-estar social a que se habituou a sociedade japonesa”. (Reis 2001:170).

Portanto, parece mesmo que a tendência do movimento *dekasegui* permanecer, independente do fator da migração das empresas japonesas para o Sudeste Asiático, é latente e pode se configurar no futuro como uma realidade.

Assim, a pesquisa identificou como positivos alguns investimentos feitos por descendentes em território japonês, dentro de uma perspectiva de fixação definitiva no país, dentre outras evidências.

Os brasileiros residentes no país, por exemplo, como demonstra o Gráfico 8, revela algumas expectativas neste sentido.

Gráfico 8 – Pretende fazer ou faz algum curso no Japão?

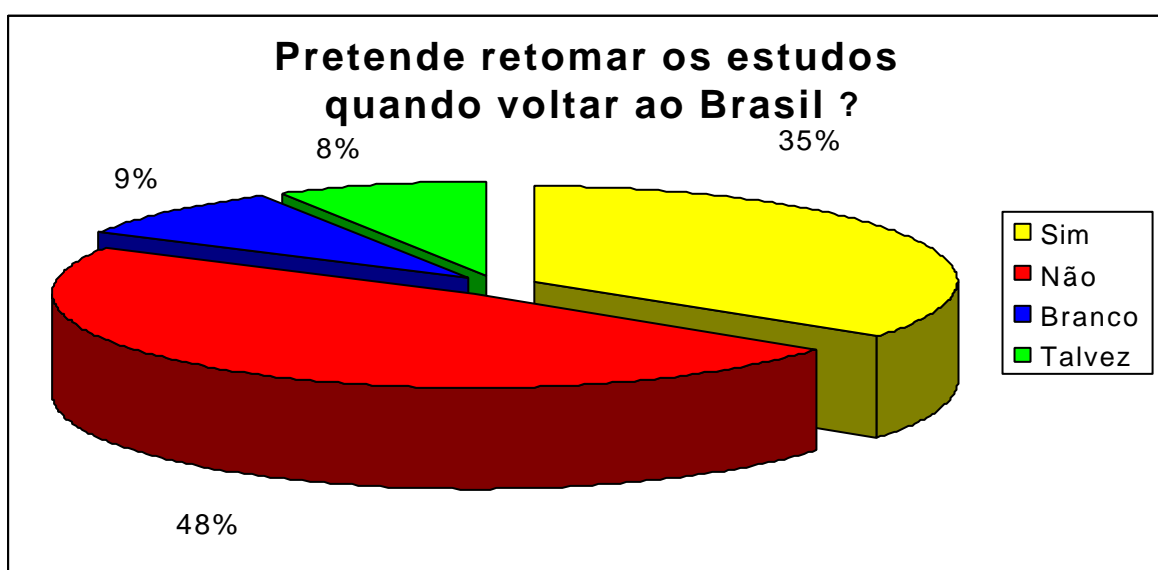


Org.: Milton Saito (Japão 1998)

Os dados revelam que 49% dos brasileiros residentes no país na época da pesquisa, manifestaram a intenção de investir na realização de cursos, visando ascensão educacional no Japão. Portanto, quase a metade dos residentes, não tinha essa pretensão.

A outra metade, por sinal, demonstrou o mesmo nível de interesse nesse sentido, porém, buscando a ascensão social no retorno ao Brasil. Gráfico 9

Gráfico 9 – Pretende retomar os estudos quando voltar ao Brasil?



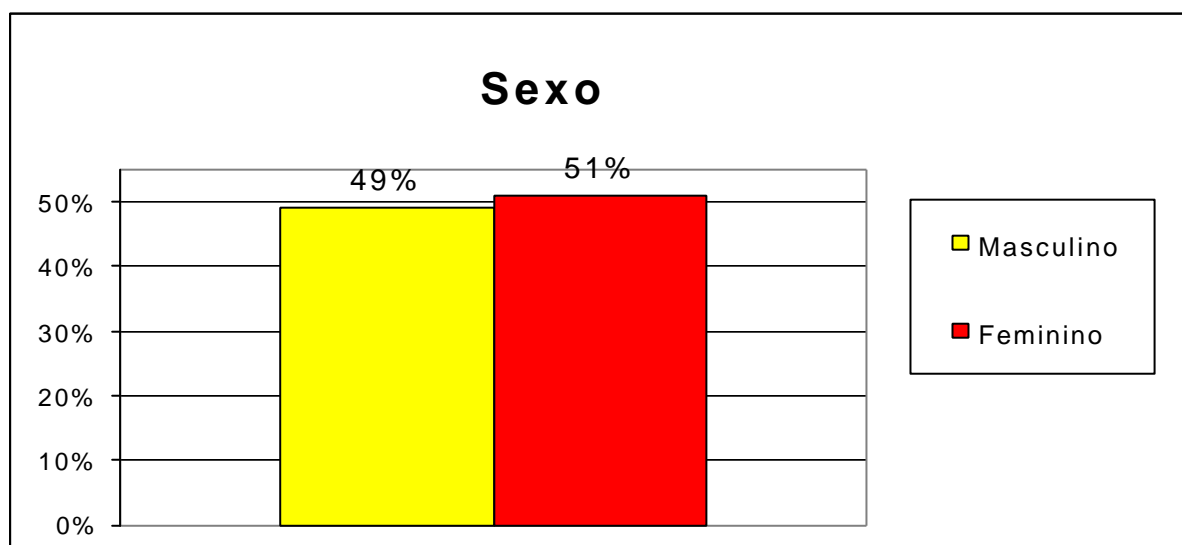
Org.: Milton Saito (Japão 1998)

Dos entrevistados, 35% afirmaram não investir nessa perspectiva no retorno. Dentre os 48% que optaram por não realizar os investimentos, a pesquisa detectou que tendem a permanecer sonhando com a possibilidade de cada vez mais acumular recursos no Japão, para realizar posterior investimento no retorno ao país, porém, na condição de microempresários.

Assim, conclui-se que o crescente movimento emigratório de brasileiros para o Japão pode ser continuado, entretanto, o perfil de absorção da mão-de-obra será com o tempo alterado, em função das necessidades produtivas, em especial, pela inserção da mulher no mercado de trabalho, tendência evidente na pesquisa.

A análise do Gráfico 10 elucida tal constatação e deixa claro que um pouco mais da metade dos pesquisados eram mulheres, ou seja, 51%.

Gráfico 10 - Sexo



Org.: Milton Saito (Japão 1998)

Portanto, os homens, apesar da perda de espaço no mercado de trabalho japonês, vêm agindo sob nova estratégia de sobrevivência: mantendo-se no mercado através da concessão de receber salário equivalente ao da mulher.

Assim, a proposta de cidadão do mundo, é colocada como uma possibilidade, apesar de que não será capaz de contribuir para os conflitos dos *dekasseguis*, de continuarem sendo “Japoneses aqui, brasileiros lá”.

8 - CONCLUSÃO

Os resultados conclusivos desta pesquisa podem ser avaliados por duas vertentes de *dekasseguis*: os que dominam bem o idioma e os que dependem de outros para se comunicar no dia-a-dia.

Os primeiros, demonstram rápida superação mediante quaisquer situações de discriminação por parte dos japoneses, seja na fábrica ou em qualquer outro ambiente da estrutura da sociedade japonesa. Isso porque, apesar do peso provocado pela crise de identidade, proveniente das várias formas de tratamento diário em contextos nos quais sentem-se brasileiros, mas, em função do domínio do idioma, interesses pela cultura japonesa e outros, conseguem, além da adaptação, cumprir suas metas financeiras e outros objetivos, dentre os quais, de ascensão e inserção na sociedade japonesa.

Há uma série de registros de satisfação por parte destes, sendo predominantes os que possuem veículo próprio, residência e que se esforçam para abrir negócios, estabelecimentos comerciais e outros, demonstrando plena mobilidade no país.

Porém, por se sentirem mais japoneses do que brasileiros, não fazem muita questão de manter relações sociais com outros brasileiros, em função de aspectos competitivos no trabalho, na acumulação de recursos, na aquisição de bens e utensílios domésticos, a exemplo de aparelhos eletrônicos considerados lançamentos modernos.

Enfim, no dia a dia, são dinâmicos, usufruindo de bens e serviços oferecidos pela ótima estrutura consumista do capitalismo japonês. Obviamente, que a pesquisa também conclui, que, há exceções, apesar de parecerem ínfimas em relação à totalidade dos que dominam melhor o idioma

Essa mobilidade não os distancia da realidade e do comportamento de brasileiros em sua totalidade. Vez ou outra, freqüentam lojas de produtos brasileiros, restaurantes, participam de campeonatos esportivos e outros eventos realizados pela comunidade *dekassegui*.

Têm planos de retorno ao Brasil e, quando o fazem, sentem muita saudade do Japão. Possuem informações sobre o Brasil, porém, são pessimistas em relação à ascensão social no retorno. Até por isso, muitos optam por viver de forma definitiva no Japão, buscando estender tais benefícios à família.

Diante da facilidade na adaptação, da rápida absorção dos hábitos e costumes, alguns, com famílias constituídas no Brasil, buscam para aliviar a solidão, espaços de lazer como patchinkos (casas de jogos eletrônicos) e snacks (casas noturnas com serviço de dama de companhia). Em razão da distância entre o Brasil e o Japão, constituem famílias paralelas, conseguindo por um bom tempo manter essa forma de comportamento, apesar do alto custo.

Locomovem-se com facilidade, mesmo necessitando utilizar-se da rede de transportes ferroviários, metrô e trens, como o Shinkansen (trem bala). Quando necessário, andam de táxi, viajam e gastam muito com lazer e turismo.

Enfim, mantém padrão de vida satisfatório mesmo diante do compromisso de enviar, periodicamente, dinheiro para o Brasil. Portanto, são poucos os momentos em que se sentem realmente brasileiros, com o peso da crise de identidade. Apesar de brasileiros lá, conseguem superar-se numa práxis de vida bem ao estilo japonês.

Porém, a outra vertente, constatou a pesquisa, negligencia atitudes antes da saída do Brasil.

No geral, também guardadas as exceções, demonstram que a falta de planejamento antes de sair do Brasil, de conhecimento sobre a cultura japonesa, de tratamento inadequado por parte dos empregadores e o não domínio do idioma provocam certa insegurança, afetando direta e rapidamente o processo de gestão do trabalho, as várias formas de relação na fábrica ou empresa, como também, no espaço de moradia, comprometendo sua ascensão social e conseqüente inserção na sociedade japonesa como um todo.

As dificuldades na comunicação diária com o cidadão japonês, decorrentes da falta de domínio do idioma, de tempo e/ou escolas para estudos, ou outras limitações provenientes da excessiva jornada de trabalho pela diversificação de turnos e horários somados à resistência destes por se sentirem brasileiros, os transformam em seres isolados e descontentes perante a sociedade japonesa.

Assim, mantêm-se marginalizados, sentem-se excluídos e oprimidos, porque, como brasileiros, principalmente no cotidiano da fábrica, possuem direitos restritos e deveres amplos.

Aborrecem-se facilmente ao ter de cumprir determinadas tarefas solicitadas por seus superiores, por serem essas em ambiente de trabalho considerado sujo ou pesado.

Mantém-se alheios a alguns princípios fundamentais do comportamento japonês: de respeito à organização, à disciplina e à hierarquia. Por isso, são repreendidos pelos superiores que lhe atribuem as piores tarefas no espaço de trabalho.

No geral, nas suas relações com os demais brasileiros, que melhor se adaptaram e se superaram diante da crise de identidade, são considerados “puxa saco” e, quando possível, desmerecem a cultura japonesa de forma gratuita e insensata.

Desesperado, na busca de encontrar sua verdadeira identidade, procura ouvir música brasileira, saborear pratos típicos, expressar-se através de hábitos e costumes do Brasil, geralmente causando problemas de relacionamento, levando-os a cometer insultos ou envolver-se em situações desagradáveis, necessitando da intervenção de intérpretes das empreiteiras e da polícia.

Para estes, como também mais raramente para os outros, conforme apurou a pesquisa realizada, na volta ao Brasil, nos *kaikans* - associações *nikkeis*- infelizmente, a crise de identidade se mantém, pois aqui, novamente, será tratado como japonês. Mas, diante da primeira dificuldade, esquece os problemas vividos pela experiência anterior e muitos acabam retornando ao Japão onde, uma vez mais, podem sofrer as mesmas conseqüências da primeira experiência se não evoluir no jeito de encarar a vida no Japão.

Depoimentos da experiência de um dos pesquisados no Japão demonstram: “(...) a primeira coisa que nós aprendemos no Japão, é que somos brasileiros(...)”. A segunda complementa: (...) é detestar os brasileiros que estão aqui...(..).

Outro entrevistado relata: “(...) parei com o carro na esquina da avenida São João com a Ipiranga, e um menino no farol me disse: oh, japonês, quer comprar flanela? Nunca me senti tão mal, pois, ele me fez recordar que sou japonês....pô...não posso nem mais passear no Brasil tranquilamente (...).

A pesquisa detectou constituir a “crise de identidade” um fator determinante para o sucesso ou fracasso na experiência como *dekasegui*, sendo que, a insegurança, a visão que se tem do Brasil após a experiência, apesar de contribuir para se assumirem como brasileiros, não são suficientes para muitos dos pesquisados, no retorno, a se sentirem como brasileiros de verdade.

A compreensão do fenômeno pela sua essência, contribuiu para desvendar o descontentamento e as insatisfações destes nas relações sociais com os brasileiros e, também, com os japoneses.

Tal constatação, fez com que entendêssemos melhor o papel da mídia – meios de comunicação – e dos agenciadores e seus objetivos na utilização dessa mão-de-obra, da estratégia de sobrevivência calcada na exploração da boa fé dos descendentes de japoneses.

Retornando ao Brasil, novamente serão considerados japoneses aqui. Encontrarão dificuldades para se inserir no mercado de trabalho, com uma visão distorcida sobre a realidade política, econômica e social do país.

Os rendimentos acumulados por estes no Japão, aqui serão aplicados em investimentos não muito seguros para a maioria. Ante tal perspectiva, boa parte dos pesquisados, teme retornar, optando por se fixar definitivamente no país.

O planejamento inicial de permanência com o valor de rendimentos pretendidos, para muitos se torna realidade distante, pois, assim que se adaptam no país, em função de excessivas jornadas de trabalho sentem a necessidade de alimentar-se melhor, desfrutar de lazer, de atender aos apelos feitos pela propaganda na compra de novos e modernos produtos, seja no plano tecnológico ou de consumo imediato.

Enquanto brasileiros lá, a pesquisa demonstrou ser poucos os bons momentos preservados na memória enquanto *dekasseguis*.

Enfim, serão novamente considerados japoneses aqui, e reconhecidos como japoneses, tanto dentro das associações nipônicas quanto no cotidiano de convívio com outros brasileiros sem descendência.

Os aspectos subjetivos, ou seja, a troca de experiências na rotina de fábrica e, também, no convívio social diário, possibilitaram a realização da análise de algumas determinantes, pouco prováveis de serem resgatadas numa entrevista realizada após o retorno desses *dekasseguis* para o Brasil.

Por sua vez, as aplicações dos questionários/formulários viabilizaram o resgate dessa dinâmica de vida, deixando evidente que a série de conflitos, apesar da experiência financeira para alguns ser considerada satisfatória, serviu para demonstrar que seqüelas deixadas vão permanecer na vida destes imigrantes como aspectos amplamente perturbadores, dificultando a reinserção na sociedade brasileira.

O medo da violência, as crises econômicas ainda presentes na estrutura social brasileira fazem com que muitos dos *dekasseguis* permaneçam de forma definitiva no Japão, temendo ser vítimas do processo. Acrescente-se ainda, para alguns, a falta de perspectivas.

No convívio diário, havia sempre momentos de manifestação, onde, através de depoimentos orais, discutia-se e refletia-se sobre a trajetória histórica destes indivíduos, a maior parte, descontente com o Brasil, pela impossibilidade de ascensão social, de comprometimento com a sobrevivência, pela ausência de oportunidades de trabalho.

Assim, esperamos que o resultado destas análises, além de suas especificidades acadêmicas, possam colaborar na reflexão, elaboração de projetos institucionais ou pessoais, visando prevenir, preparar, desnudar e desmistificar o fenômeno *dekassegui* quando posto como solução para os problemas da maioria dos brasileiros que se deslocam em busca de trabalho para o Japão.

A pesquisa demonstra, ainda, que boa parte dos entrevistados manifesta um carinho especial pelo Brasil, como também, pela nova pátria. Apesar disso, foram feitas críticas em relação à forma de vida dos japoneses, pelo aspecto formal e comportamental quanto ao tratamento, principalmente diante de estrangeiros. Porém, há de se considerar que “o jeitinho brasileiro” contribui muito para uma aproximação maior junto aos japoneses.

Quanto à vontade de se fixar no país de forma definitiva, muitos possuem uma postura confortável, por sentir que hoje o Brasil encontra-se presente no país, através de oferta de produtos.

Por sua vez, as instituições de defesa e representação dos direitos e orientações aos *dekasseguis*, tendem, em futuro próximo, passar por mudanças de caráter político de atuação ou serem fechadas.

O governo japonês, em função da crise, não tem mais interesse em desenvolver uma política de readaptação aos moldes atuais. Os investimentos oficiais têm provocado gastos aos cofres públicos e retorno insatisfatório na tentativa de adaptá-los no país.

As instituições, como os “Centros de Estabilização de Empregos na Indústria”, o “Centro Nikkei”, localizado em Tóquio, considerado matriz e o próprio Ciate no Brasil, têm nos últimos anos reduzido recursos e recebendo críticas pelos poucos resultados apresentados aos *dekasseguis*.

O caráter acadêmico e burocrático, predominante dentro destas entidades, apesar de qualitativos em alguns aspectos, pouco repercute junto aos interessados, que são os *dekasseguis*.

Assim, essa postura paternalista do governo japonês não contribui para a eliminação da violência cometida por brasileiros no país. O que na verdade se vê, é o aumento dos problemas sociais causados por eles no país.

Portanto, em curto espaço de tempo, tanto os centros de estabilização, quanto o Ciate e o Centro Nikkei, tendem a ser fechados.

Isso, em outras palavras, significa na prática que a luta entre *dekasseguis* e agenciadores, as empresas japonesas ficam com o lucro, pois, com o fechamento das entidades, estas poderão desenvolver as contratações burlando aspectos legais, transformando os *dekasseguis* em verdadeiros escravos pela busca de lucro das empresas.

Em outras palavras, o Estado sai do processo e, a partir daí, os grandes responsáveis pela regulação do processo migratório serão os agenciadores (estes vencedores nessa luta) que poderão continuar desenvolvendo e cobrando valores absurdos pela oportunidade de uma vaga para trabalho no Japão.

Por sua vez, os *dekasseguis*, vinculados às agências de emprego terão seus direitos desconhecidos, limitados, afunilados. O governo japonês tem uma postura omissa na defesa dos interesses dos *dekasseguis*, privilegiando os empresários.

O fato do Centro Nikkei ter recebido orientação para desenvolver um Site de informações para atender os *dekasseguis*, tirando dúvidas e outros procedimentos, demonstra a tendência de fechamento das instituições, restando poucas alternativas para se obter informações sobre direitos e deveres da categoria junto às agências ou às empresas.

Outra evidência de interesse e fechamento dessas instituições, evitando custos, é o estímulo atual oferecido pelo governo japonês que vem orientando a criação de representantes locais (regionais) para defesa dos interesses dos *dekasseguis*. Justifica-se então, a necessidade destes representantes terem residido no Japão, pois, assim, poderão chamar para si a responsabilidade de orientar, informar e resolver problemas, com anuência do poder público judicial – os promotores – que pouco podem fazer, pois não possuem conhecimentos profundos dessa política migratória e do papel dos agenciadores inescrupulosos que vivem às custas da exploração do trabalho dos *dekasseguis*.

A crise de identidade, neste contexto, tende a permanecer e até aumentar em alguns casos, provocando traumas psicológicos nos *dekasseguis* que serão cada dia mais “sucateados”, em função da omissão do poder público que poderia fazer algo em prol da excessiva exploração desta mão-de-obra pelas empresas japonesas.

O desemprego tende a aumentar (ocasionado pela migração das empresas para o sudeste asiático) e, com ele, respectivamente, os problemas sociais internos dos brasileiros em território japonês.

As conseqüências para o Estado japonês serão, talvez, ainda mais onerosas. Quem apenas lucra com tal atitude de fechamento dessas instituições, como já comentei anteriormente, serão os agenciadores e os empresários que poderão aumentar o poder de pressão e produtividade sobre os *dekasseguis*.

Haverá a predominância do livre mercado de oferta e procura de empregos, ficando o Estado à margem do processo. Será um caos, cujas conseqüências também poderão afetar diretamente o bolso do trabalhador brasileiro no Japão. Sem ter a quem recorrer, ante uma situação de conflito, os *dekasseguis* sofrerão, sem nada poder fazer, a não ser sujeitar-se, aceitar e dizer “hay” para os empresários.

Por outro lado, com essa atitude, com certeza o número de empresas para comercializar os empregos no Japão aumentará, pois, com liberdade, sem o incômodo das autoridades, com o governo fechando os olhos para estes descabros, poucas alternativas de sucesso restarão para os *dekasseguis*.

Já os empreiteiros, ganham a liberdade para fazer o que quiserem em cima do suor dos brasileiros residentes no Japão.

Apesar das dificuldades em conciliar num primeiro momento trabalho intelectual (científico) e o trabalho braçal (mecânico), os objetivos propostos pela pesquisa de apreender de forma empírica os vários conflitos presentes no cotidiano de vida dos brasileiros no Japão, em especial o conflito de identidade, revelaram um desafio, no plano pessoal, na condição de sujeito, pouco favorável.

Pois os custos para coleta de dados, o parco apoio por parte de instituições educacionais, em especial no Brasil, comprometeram diretamente a sobrevivência do pesquisador no retorno ao país.

O pesquisador que se colocou como sujeito-objeto nesta pesquisa, tal como grande parte dos *dekasseguis*, sofreu e sofre as conseqüências do processo de readaptação no Brasil, após vários anos do retorno, sendo vítima do processo.

Dentre as dificuldades mais evidentes, registra-se a retomada da carreira profissional como educador, em especial, afetado pela crescente onda do produtivismo dentro das universidades e outras unidades educacionais, através da exigência quantitativa, em

alguns casos, de especializações. Também em função da idade, sentiu-se excluído de programas de fomento, apesar de considerar ser a experiência acumulada importante no processo de aquisição, acúmulo e transmissão de conhecimentos. Esses fatores, por pouco não inviabilizam o resultado final desta proposta de pesquisa.

O farto material coletado, as observações de campo feitas após o retorno, careceram de melhor análise em função do pesquisador se sentir isolado, sofrer com a baixa estima pelas dificuldades de retomar a carreira da qual no passado se orgulhou e se projetou no cenário educacional.

Porém, hoje, espera superar tal sentimento e realizar maior aproveitamento destes, em etapa de especialização superior, ou seja, em nível de doutorado.

Apesar da disponibilidade de alguns amigos, e respectivos ensejos para retomada do processo, foram em vão, em função do sentimento de opressão e exclusão sofrido pelo pesquisador, que por motivo de sobrevivência, quase retornou ao Japão, como *dekassegui*, valendo-se da práxis do que ocorre com grande parte dos emigrantes nikkeis, vítimas dessa experiência de sobrevivência.

9 - BIBLIOGRAFIA

AAD, *Associação de Apoio aos Dekasseguis*. Impresso Independente, Curitiba, 1999.

ANAIS do *Seminário comemorativo do centenário da assinatura do tratado de amizade, comércio e navegação entre Brasil e Japão*. Organização Masato Ninomiya. São Paulo: Kaleidos-Primus, 1996. 219p.

ANAIS do *Simpósio 15 anos do movimento dekassegui: desafios e perspectivas*. Movimento dekassegui 15 anos. Org. CIATE, São Paulo, 2001. 150p.

ANNAL events in Japan, Saitama. *Saitama-ken, Japan*: Saitama International Association, [s.d.]

ASARI, A.Y. *...E eu só queria voltar ao Japão: colonos japoneses em Assai*. São Paulo: 1992. 250p. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, USP.

BIHR, A. *Da grande noite à alternativa: o movimento operário europeu em crise*. São Paulo: Boitempo Editorial, 1999.287p.

CARDOSO, R.C.L. *Estrutura familiar e mobilidade social: estudo dos japoneses no estado de são Paulo*. Organização Masato Ninomiya. SÃO PAULO Paulo: Kaleidos-Primus Consultoria e Comunicação Integrada S/C Ltda., 1998.202p.

CARLOS, A.F.A. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: Hucitec, 1996. 150p.

_____, A.F.A. *A cidade*. São Paulo: Contexto, 1992.98p.

CASTELLS, M. *Cidade, democracia e socialismo*. Tradução de Glória Rodríguez. Rio de Janeiro: Paz eTerra, 1980. 193p.

CHARON, J.M. *Sociologia*. São Paulo: Saraiva, 1999, 237p.

CHIGUSA, Charles T. *A Quebra dos Mitos: o fenômeno de kassegui através de relatos pessoais*. Atsugui-Shi: IPC – International Press Corporation, 1994.154p.

CLARK, D. *Introdução a geografia urbana*. São Paulo: Difel, 1982. 286p.

DEZEM, Rogério. *Inventário Deops: módulo III, japoneses: Shindô Renmei: terrorismo e repressão*. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial, 2000. 203p.

DICIONÁRIO Básico Japonês-Português. 2º Edição. São Paulo: Aliança Cultural Brasil-Japão/Editores, 1989. 957p.

EMERGENCY procedines for families. *Osaka*: Osaka Municipal Fire Department, 1993.

ESTUDOS Japoneses, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, n.11. São Paulo, 1991. 171p.

FRAGMENTOS *sobre as relações nipo-brasileiras no pós-guerra*. Organizador Paulo Yokota. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997. 239p.

FREITAS, Sônia Maria de. *E chegam os imigrantes... (o café e a imigração em São Paulo)*. São Paulo, 1999. 82p.

FUKASAWA, M. *Um mundo paralelo: a vida da comunidade brasileira de Oizumi, Japão*. Trad. Jefferson José Teixeira. Edit. Topbooks, 2002, 214p.

GEORGE, P. *Sociologia e Geografia*. Tradução de Sérgio Miceli. São Paulo: Companhia Editora Forense, 1969. 201p.

GOUNET, T. *Fordismo e toyotismo na civilização do automóvel*. São Paulo: Boitempo Editorial, 1999. 117p.

GUIA para trabalhadores nikkeis. *Tōkyō Taitō*: Centro de Estabilização do Emprego nas Indústrias, 2.000.

HAMAMATSU, *Mapa guia*. Hamamatsu, Shizuoka, Japão: HICE, 1994.

HASHIMOTO, F. *Ventos de Outono*. São Paulo: Arte & Ciência, 1998. 128p.

HAYASHIDA, O. *A verdade sobre o trabalho no Japão*. S.I.: Editora Falcão, s.d. 99p.

HIRATA, H. (Org). *Sobre o modelo japonês: automatização, novas formas de organização e de relações*. Trd. Rosaura Eichenberg, Maria de Lourdes Vignoli e Hedy Helena de M. Pereira. São Paulo:

IANNI, Octavio. *Teorias da globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998. 224p.

INFORMAÇÕES *Sobre saúde para residentes estrangeiros*. Nagoya: Divisão de Saúde Pública, 1995.

IMIGRAÇÃO okinawana no Brasil. *90 anos desde kasato maru*. Associação Okinawa Kenjin-kai do Brasil. São Paulo: Imprensa Oficial. São Paulo, 2000. 290p.

JAPAN Geographical Perspectives on na Island Nation. Edited by Noritaka Yagasaki, 3rd Edition. Tóquio, 1997. 184p.

KAWAMURA, Lili Katsuco. *Para onde vão os brasileiros? Imigrantes brasileiros no Japão*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1999. 236p.

KUNIOSHI, C. *Imagens do Japão*. São Paulo: FAPESP, 1998. 159p.

LAKATOS, E.M. *Sociologia geral*. 5^o Edição. São Paulo: Atlas, 1985. 382p.

LESSER, Jeff. *A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. São Paulo: Editora Usp, 2001. 344p.

LIEVORE, J.A. *Marketing pessoal: o sucesso é você: mas com muita emoção*. Londrina: Grafmark, 1998. 103p.

LIPIETZ, A. *Miragens e milagres: problemas da industrialização no terceiro mundo*. São Paulo: Nobel, 1988. 232p.

MADE in Japan, *J.B.Communication do Japão*, São Paulo: v.3, n.28.

MADE in Japan, *J.B. Communication do Japão*, São Paulo: v.3, n.33

MAIA, J.M. *Economia Internacional e comércio exterior*. 3º Edição. São Paulo: Atlas, 1997. 421p.

MANUAL da lei de imigração japonesa: *conhecimentos básicos sobre a entrada e a permanência no Japão*. Trad. Masato Ninomiya. Org. Miyoshi, Takefumi, Editora Estação Liberdade, 1993. 291p.

MEDINA, C. (Org). *Viagem ao sol Poente*. São Paulo: ECA/USP, 2001.234p.

MIYOSHI, T. Manual da lei de imigração japonesa: *conhecimentos básicos sobre a entrada e a permanência no Japão*. Tradução Masato Ninomiya. São Paulo: Primus Comunicação Integrada S/C Ltda., 1993. 291p.

MIZUNO, Ryu. *Saga japonesa em terras brasileiras*. Curitiba: SSEC, 1991. 115p.

MORIYA, R. M. *Fenômeno Dekassegui: um olhar sobre os adolescentes que ficaram*. CEFIL. Londrina, 2000.160p.

NINOMIYA, M. (Org). *O desenvolvimento das relações Brasil-Japão à luz da expansão econômica da região da Ásia-Pacífica*. Trad. Masato Ninomiya. Kaleidos- Primus. Cons. E Comum. Integrada S/C Ltda. São Paulo,1996. 219p.

_____. *DEKASSEGUI: Palestras e exposição do Simpósio sobre o fenômeno chamado de kassegui*. São Paulo: sociedade brasileira de cultura japonesa. São Paulo, 1992. 247p.

NIC gente informativo. *Toyohashi-shi, Ekima e Odori*: Nic Planning, v.30, n.2/3, fev.mar.1997.

NUNES, J.O. & Okimoto M. *Japão*. São Paulo: Editora Ática, 1997. 55p.

O FUTURO da comunidade nikkey: *Palestras, painéis e debates do Simpósio comemorativo dos 85 anos de Imigração Japonesa no Brasil*. Org. Masato Ninomiya. São Paulo: Mania de Livro, 1996, 279p.

OLIVEIRA, G.A. *CENAS do Brasil migrante*. São Paulo: Jinkings Editores Associados Ltda, 1999. 311p.

OSAKA, Japan. *Osaka*: Osaka Tourist Association, [s.d.]

PINSKY, J. *Questão nacional e marxismo*. São Paulo: editora brasiliense, 1980. 332p.

CARIGNATO, T.T. ROSA, M. D., PACHECO, R. A F. *Psicanálise, cultura e migração*. São Paulo: Ym Edit.& Gráfica, 2002. 264p.

POLITO, R. *Como falar corretamente e sem inibições*. 70º ed. São Paulo: Editora Saraiva, 1999. 23p.

QUAINI, M. *A construção da geografia humana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. 158p.

REIS, Maria E. F. *Brasileiros no Japão: o elo humano das relações bilaterais*. São Paulo: Kaleidus-Prmus, 2001. 251p.

REIS, Rosana R. , SALES, Tereza (Org). *CENAS do Brasil migrante*. São Paulo: Jinkings Editores Associados Ltda, 1999. 311p.

RIBEIRO, L. O. *Sucesso não acontece por acaso: é simples mas não é fácil*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1996. 163p.

ROAD atlas Japan. *Tokyo*: Shobunsha, 1990.

SAM, Silvio. *Sonhos que de cá segui*. São Paulo: Ysayama Editora, 1997. 220p.

SANTOS, Milton. (Org). *O retorno do território*. In: __ SANTOS, M. et alii. *Território, globalização e fragmentação*. São Paulo, Edit. Hucitec, 1994.

_____, *Metamorfoses do espaço habitado*. 4ª edição. São Paulo: Hucitec, 1996. 124p.

_____, *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001. 174p.

SÃO PAULO Shimbun, *200 dicas de sobrevivência no Japão*. Chuo-ku. Tokyo Japan, 1992. 240p.

SCHUWARTZ, G. *Japão de olhos abertos: evolução financeira e políticas econômicas nos últimos cem anos*. Trad. Rolf Traeger. São Paulo: Nobel, 1990. 153p.

SCHUMPETER. J. A. *Capitalismo, socialismo e democracia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1984. 534p.

SEMINÁRIO comemorativo do centenário da assinatura do tratado de amizade, comércio e navegação entre Brasil e Japão, 1995, Rio de Janeiro. Anais. São Paulo: Kaleidos-Primus Consultoria e comunicação Integrada, 1996.

SEYMOUR, C. *Diário Yakuza: revelando os bastidores da máfia japonesa*. São Paulo: Editora Ática, 1997. 263p.

SEVERINO, A. J. *Metodologia do trabalho científico*. 14ª edição. São Paulo: Cortez, 1986. 237p.

SHINODA, C. *Portugaru go ga iya da!:* a escola japonesa através das crianças brasileiras. São Paulo: Aliança Cultural Brasil-Japão, 1995. 85p.

SILVA, José Graziano. *A nova dinâmica da agricultura brasileira*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1996. 205p.

SMITH, N. *Desenvolvimento desigual: natureza, capital e a produção do espaço*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1988. 250p.

SOBRE o modelo japonês: *automatização, novas formas de organização e de relações de trabalho*. Org. Hirata, Helena. São Paulo: Editora Usp, 1993. 312p.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE CULTURA JAPONESA. *Uma epopéia moderna: 80 anos da imigração japonesa no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1992. 604p.

THOMPSON, Edward. *Tradición, revuelta y consciência de clase: estudos sobre la crisis de la sociedad, preindustrial*. Barcelona, Editorial Crítica, 1989. 279p.

TSUKAMOTO, Kyoko. *Guia do Japão: dicas para viver melhor no Japão*. 3°.ed. Tóquio: Clube do Brasil, 1994.

TSUNODA, Fusako. *Canção da Amazônia: uma saga na selva*. Trad. Jorge Kassuga. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988. 185p.

TUAN, Y.F. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Trad. Por L. de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1980. 250p.

_____, *Espaço e lugar*. São Paulo: DIFEL, 1993. 250p.

TURNER, J. H. *Sociologia: conceitos e aplicações*. São Paulo: Markon Books, 1999. 253p.

MEDINA, Cremilda. (Org). *Viagem ao sol poente*. São Paulo. ECA/USP, 2001. 234P.

VILLAÇA, Flávio. *Espaço intra-urbano no Brasil*. São Paulo: Studio Nobel e FAPESP, 1998.

YAGASAKI, N. *Geographical perspectives on na island nation*. 3° Edition. Tókyo: Teikoku-shoin, 1997. 184p.

YOSHIOKA, H. & SAM, S. *Dekassegui com os pés no chão...no Japão*. São Paulo: Ysayama Editora, 1999. 147p.

YOSHIOKA, H. *Por que migramos do e para o Japão*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1995. 180p.

YUME, M. *A mata das ilusões*. São Paulo: Aliança Cultural Brasil Japão, 1997. 215p.

WATANABE, Shûichi; Sato, Katsutoshi (Ed). *Anverse em japonês: Dicionário prático de conversação japonês-português*. [s.f.]: Grupo Patrimônio, 1994.

ANEXO

FORMULÁRIO

001 – Sexo ?

masculino feminino

002 – É descendente de japonês ?

sim não
 outro. Qual ? _____.

003 – Em que grau ?

nissei - filho(a) de japonês
 sansei – neto(a) de japonês
 yonsei – filho(a) de neto de japonês
 outro. Qual ? _____.

004 – Qual a sua idade ?

menos de 18 anos
 18 a 25 anos
 26 a 30 anos
 31 a 40 anos
 41 a 50 anos
 mais de 50 anos

005 – Qual o seu estado civil ?

solteiro(a) casado(a)
 desquitado(a) divorciado(a)
 viúvo(a) outros.

Qual ? _____.

006 – Mora com a família ?

sim não

007 – Tem filhos ?

sim não

008 – Quantos ?

um dois três quatro mais e quatro

009 – Dentre os filhos, quantos se encontram em idade escolar ?

um dois três quatro mais de quatro
 nenhum

010 – Quantos se encontram estudando ?

um dois três quatro mais de quatro
 nenhum. Por que ? _____.

011 – Cursam que grau ?

pré-primário primário incompleto
 primário completo primeiro grau incompleto
 primeiro grau completo segundo grau incompleto
 segundo grau completo superior incompleto
 superior completo curso técnico. Qual ? _____.

012 – Que tipo de escola ?

pública particular ensino a distância
 ambos. Especifique ? _____.

013 – Quantos de encontram estudando no Brasil ?

um dois três quatro mais de quatro nenhum. Por que ?
_____.

014 - Quantos se encontram estudando no Japão ?

um dois três quatro mais de quatro nenhum. Por que ?
_____.

015 – Aonde pretende continuar educando-os ?

Brasil.
Por que ? _____.

Japão
Por que ? _____.

Ambos.
Por que ? _____.

ESCOLARIDADE PESSOAL – BRASIL/JAPÃO

016 – Qual a sua escolaridade ?

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> primário incompleto | <input type="checkbox"/> primário completo |
| <input type="checkbox"/> primeiro grau incompleto | <input type="checkbox"/> primeiro grau completo |
| <input type="checkbox"/> segundo grau incompleto | <input type="checkbox"/> segundo grau completo |
| <input type="checkbox"/> superior incompleto | <input type="checkbox"/> superior completo |
| <input type="checkbox"/> curso técnico incompleto | <input type="checkbox"/> curso técnico completo |

017 – Em caso de curso superior ou curso técnico, completo ou incompleto, escreva o nome do curso, nome da instituição e assinale com (X) se público ou privado.

- a) Nome do curso: _____.
- b) Nome da instituição: _____.
- c) público
- d) privado

018 – Pretende retomar os estudos quando voltar ?

- sim não

019 – Pretende fazer e/ou faz algum curso no Japão ?

- sim não

020 – Qual ?

- japonês inglês computação
- outro. Qual ? _____.

021 – Caso fale outra língua, além do português, qual ?

- japonês inglês espanhol outra. Qual ? _____.

022 – Qual o grau de conhecimento da língua japonesa ?

- | | |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> nenhum | <input type="checkbox"/> entendo pouco, mas não falo |
| <input type="checkbox"/> falo o necessário | <input type="checkbox"/> leio Hiragana ou Katakana |
| <input type="checkbox"/> leio e escrevo Hiragana e/ou Katakana | <input type="checkbox"/> leio Kanji |
| <input type="checkbox"/> falo e escrevo fluentemente | |

DADOS GERAIS

023 – Há quanto tempo está no Japão ?

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> menos de um ano | <input type="checkbox"/> de 4 a 5 anos |
| <input type="checkbox"/> de 1 a 2 anos | <input type="checkbox"/> de 5 A 8 anos |
| <input type="checkbox"/> de 2 a 3 anos | <input type="checkbox"/> mais de 8 anos |
| <input type="checkbox"/> de 3 a 4 anos | |

024 – Neste período, retornou ao Brasil ?

- sim não
Por que ? _____.

025 – Quantas vezes ?

- uma vez 2 vezes três vezes quatro ou mais

026 – Que companhia aérea utilizou para vir ao Japão ?

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Varig | <input type="checkbox"/> Korean |
| <input type="checkbox"/> American | <input type="checkbox"/> Vasp |
| <input type="checkbox"/> Jal | <input type="checkbox"/> United Airlines |
| <input type="checkbox"/> não se lembra | <input type="checkbox"/> outra. Qual ? _____. |

027 – A primeira vez que veio ao Japão, a passagem foi:

- comprada com dinheiro poupado
 comprada com a venda de alguns pertences
 com dinheiro de amigos e/ou parentes do Brasil
 com dinheiro de amigos e/ou parentes do Japão
 financiada pela empreiteira
 outra. Qual ? _____.

028 – Caso tenha sido financiada pela empreiteira, quanto pagou ?

- de US\$ 1.000 a 1.500 dólares
 de US\$ 1.500 a 2.000 dólares
 de US\$ 2.000 a 2.500 dólares
 de US\$ 2.500 a 3.000 dólares
 de US\$ 3.000 a 3.500 dólares

- de US\$ 3.500 a 4.000 dólares
- mais de US\$ 4 mil dólares

029 – Por qual companhia aérea pretende viajar na sua volta ao Brasil ?

- Varig
- American
- Jal
- não sabe
- Korean
- Vasp
- United Airlines
- outra. Qual ? _____.

030 – Foi a primeira vez que andou de avião ?

- sim
- não

031 – Quanto tempo mais pretende ficar no Japão ?

- menos de 1 ano
- de 1 a 2 anos
- de 2 a 3 anos
- de 3 a 4 anos
- de 4 a 5 anos
- mais de 5 anos
- não sabe
- morar definitivamente

032 – Quando veio, pretendia ficar ?

- menos de 1 ano
- de 1 a 2 anos
- de 2 a 3 anos
- de 3 a 4 anos
- de 4 a 5 anos
- mais de 5 anos
- não sabia
- já pretendia morar aqui

033 – Caso tenha havido mudança nos planos de permanência, quais motivos contribuíram para tal ?

- não atingiu a meta econômica
- se sente inseguro para voltar
- adora o trabalho que faz
- resolveu montar família aqui
- tem medo (desemprego/Brasil)
- devido as seus estudos aqui
- não atingiu a meta econômica
- começou a gostar daqui
- a família veio para cá
- o salário aumentou
- tem medo (violência/Brasil)
- estudo dos filhos (Japão)
- gosta de morar sozinho
- outro. Justifique: _____.

COMUNICAÇÃO

034 – Possui telefone ?

sim não

035 – Com fax ?

sim não

036 – Quantos ? (**preencha os espaços com números relativos ao número de linhas**),
Ex.: (1), (2), (3), etc.

Linha comum-alugado linha comum – comprado
 linha celular-alugado linha celular – comprado

037 – Por qual companhia telefônica você faz ligações internacionais ?

001 KDD Sistema Call Back
 0061 IDC outros
 0041 ITJ não liga

038 – Quantas vezes por mês liga para o Brasil ?

1 a 3 vezes mais de 10 vezes
 4 a 6 vezes não liga
 7 a 10 vezes de vez em quando

039 – Se ainda não possui telefone celular, pretende alugar ou comprar ?

sim não

040 – Qual o seu gasto médio mensal com telefone ?

menos de 4.000 yenes de 31.000 a 50.000 yenes
 de 5.000 a 10.000 yenes de 51.000 a 100.000 yenes
 de 11.000 a 20.000 yenes mais de 100.000 yenes
 de 21.000 a 30.000 yenes

041 – Os serviços prestados pelas companhias telefônicas, são:

- péssimo excelente
 ruim indiferente
 bom ótimo
 pode ser melhor. Justifique: _____.

042 – No Brasil, possuía linha telefônica ?

- sim não
 alugada comprada

043 – Possuía aparelho de fax ?

- sim não

044 – Possuía telefone celular ?

- sim não
 alugado comprado

045 – Para se informar sobre as coisas do Brasil ?

- telefona para o Brasil assiste TV em Português – IPC
 conversa com amigos aluga fitas de vídeo
 lê jornais recebe fitas do Brasil
 lê revistas recebe cartas do Brasil
 lê livros outra. Qual ? _____.

046 – Dentre os jornais que lê, tem preferência pelo(a) ?

- Folha de São Paulo Folha Mundial
 Folha de Londrina Jornal Tudo Bem
 O Estado de São Paulo International Press
 Notícias Populares Nova Visão
 Gazeta Esportiva outro. Qual ? _____.

047 – Dentre as revistas, tem preferência pela:

- Placar Dica's
 Capricho Japão Aqui
 Quatro Rodas Made In Japan
 Veja Jouzu
 Isto É Erótica
 Revistas religiosas outra. Qual ? _____.

048 – Dentre a programação de TV, prefere programas como:

Rede Globo

- Jornal Nacional
- Domingão do Faustão
- Novelas
- Sai de Baixo
- Vídeo Show
- Globo Rural
- Pequenas Empresas Grandes Negócios
- Telecurso 2.000
- Fantástico
- Globo Repórter
- Globo Esporte

SBT

- Domingo legal
- A Praça É Nossa
- Jô Soares Onze e Meia
- Sabadão Sertanejo
- Caça e Pesca
- TJ Brasil
- Em Nome do Amor
- Topa Tudo Por Dinheiro
- SBT – Repórter
- Silvio Santos
- Outros. Quais ? _____.

Rede Manchete

- Manchete 24 horas
- Câmera Manchete
- Outros. Quais ? _____.
- Jornal da Band
- Brasil Verdade
- Outros. Quais ? _____.

TV Bandeirantes

TV Record

- Quem Sabe Sábado
- Ratinho Livre
- Show da Noite
- Ligação Musical
- Ana Maria Braga
- Jornal da Record
- Outros. Quais ? _____.

CNT

- CNT Country
- TV Rodeio
- Clube Irmãs Caminhoneiro
- Siga bem Caminhoneiro
- outros. Quais ? _____.

049 – Assiste a programação da TV japonesa ?

- sim
- não

050 – Quando assiste, o faz por que ?

- vê como opção de lazer
- considera rica as informações
- contribui para o domínio da língua
- outras. Justifique: _____.

051 – Dentre os jornais brasileiros, (**produzidos no Japão**), qual você prefere ?

- Folha Mundial
- Nova Visão
- Jornal Tudo Bem
- International Press
- nenhum.
- Por que ? _____.

052 – Comparando estes jornais, com os jornais produzidos no Brasil, os considera:

- muito bom
- bom
- regular
- ruim
- muito ruim
- Por que ? _____.

053 – **No Brasil**, acostumava ler jornais ?

- sim
- não
- de vez em quando
- Por que ? _____.

054 – **No Brasil**, assistia mais televisão do que aqui ?

- sim
- não
- de vez em quando

055 – **No Brasil**, era leitor de revistas e/ou livros ?

- sim
- não
- de vez em quando

ORIGEM/PROCEDÊNCIA

056 – Descreva em qual cidade, município e/ou estado brasileiro nasceu ?

Local de nascimento: _____.

Estado: _____.

- zona rural zona urbana
 era zona rural e se transformou em zona urbana

057 – Em território brasileiro, mudou-se quantas vezes ?

- nenhuma 1 vez 2 vezes 3 a 4 5 a 6
 7 a 8 9 a 10 mais de 10 vezes

058 – Dentre as mudanças, **(no Brasil)** relate as ocorridas e cidade para a cidade e/ou estado para estado, e quais foram as principais causas que levaram você e/ou sua família se mudarem ?

Morava	Mudei para	Motivo (os)

059 – **No Japão** mudou-se quantas vezes de casa e/ou cidade ?

- nenhuma 1 vez 2 vezes 3 a 4 5 a 6
 7 a 8 9 a 10 mais de 10 vezes

060 – Dentre as mudanças, **(no Japão)** relate as ocorridas de cidade para cidade, província para província e o motivo: **(por que)** se mudou ?

- foi atraído pelos altos salários
- veio devido a pressão familiar
- porque sua família se encontrava aqui
- convencido por parentes e/ou amigos
- o fato de ser descendente de japonês
- curiosidade e/ou interesse pela cultura japonesa
- desejo de morar em um país rico
- uma aventura diferente
- outros. Quais ? _____.

065 – O seu primeiro serviço **aqui no Japão** foi conseguido através:

- empreiteira esforço próprio ajuda de parentes
- ajuda de amigos outro. Qual ? _____.

066 – Como é o seu trabalho atual ?

- na fábrica
- em escritório
- comércio
- outro. Especifique: _____.

067 – Vê tem seu próprio negócio ?

- sim não ambos outros. Especifique:

_____.

068 – Seja na fábrica, escritório, ou negócio próprio, conte resumidamente como é o seu trabalho:

_____.

069 – Considera o trabalho que desenvolve ?

- leve pesado sujo limpo
- rápido perigoso outros. Quais ? _____.

070 – O ambiente de trabalho possui ar condicionado (quente e frio), e/ou aquecedores ou ventiladores ?

sim não trabalha ao ar livre
 outro. Qual ? _____.

071 – Tem apenas um horário de trabalho definido ?

sim não

072 – Faz revezamentos constantes de horário ?

sim não as vezes

073 – Já trabalhou e/ou trabalha revezando horário diurno e noturno ?

sim não outro horário. Qual ? _____.

074 – **Caso sim**, o que acha da experiência ?

ótima boa razoável péssima
Por que ? _____.

075 – Quantas horas em média você trabalha por dia ?

menos de 6 horas
 de 6 a 8 horas
 de 8 a 10 horas
 de 10 a 12 horas
 mais de 12 horas
 outro. Especifique: _____.

076 – Acostuma fazer trabalho extra em outras empresas ?

sim não

077 – **Caso sim**, trabalha e média quantas horas ?

- uma duas três quatro cinco
 6 a 8 horas mais de 8 horas

078 – Caso tenha tido alguma experiência de trabalhar através de contrato direto e empreiteira, qual a forma de contrato considera melhor ?

- contrato direto. Por que ? _____.
 contrato indireto. Por que ? _____.

079 – Como se locomove para o trabalho ?

- andando
 de bicicleta
 veículo oferecido pela empreiteira
 veículo oferecido pela empresa
 carona com amigos
 ônibus urbano
 metrô/trens em geral
 outras. Quais ? _____.

080 – Quanto tempo gasta de casa para o trabalho ?

- de 5 minutos a 15 minutos
 de 15 minutos a 30 minutos
 de 30 minutos a 45 minutos
 de 45 minutos a uma hora
 de 1 hora a 1:30 horas
 mais de 1:30 horas

081 - Quantas folgas tem por semana ?

- de uma a duas de duas a três
 acima de três nenhuma
 outro sistema de folga. Qual ? _____.

082 – Com quem aprendeu o trabalho ?

- japonês brasileiro ambos
 outro. Qual ? _____.

083 – Quanto as normas de segurança, considera que os ensinamentos foram ?

- péssimo regular bom ótimo
 inexistente

084 – No geral, quem ensinou o serviço o fez de forma:

- péssima regular boa ótima
 desinteressada outra. Qual ? _____.

085 – Como é o seu relacionamento com os japoneses na empresa onde trabalha ?

- excelente bom médio ruim
 péssimo
Comente o por que ? _____.

086 – Como é seu relacionamento com brasileiros ou latinos na empresa onde trabalha ?

- excelente bom médio ruim
 péssimo
Comente o por que ? _____.

087 – Já mudou de empreiteira quantas vezes ?

- nenhuma uma vez duas vezes três
 mais de três vezes. Descreva resumidamente os motivos:
_____.

088 – Seu trabalho atual, é por:

- contrato direto com a empresa
 via empreiteira
 outra forma. Qual ? _____.

089 – Pretende mudar sua forma de contrato de trabalho no futuro ?

- sim não
 Por que ? _____.

090 – Dentre as ocupações (trabalho) que desempe(nhou)nha no **Japão** comparando-as com as ocupações (trabalho) já realizados no **Brasil** a experiência demonstra que:

- o que faço aqui **não** tem nada haver com que já fez
 tem **sim**, um pouco de relação com que já fez
 tem **sim**, muita relação com que já fez
 outra. Qual ? _____.

091 – Caso sim, explique que tipo de relação ?

092 – As ocupações (trabalho) no **Brasil**, tinham alguma relação com os seus estudos ?

sim não. Explique: _____.

093 – As ocupações (trabalho) no **Japão**, têm uma relação com os seus estudos ?

sim não . Explique: _____.

094 – E no **trabalho**, já sofreu algum tipo de discriminação ?

sim não

095 – **Caso sim**, conte resumidamente como foi ?

096 – Na sua opinião, a experiência profissional adquirida aqui no Japão, pode ser aproveitada no retorno ao Brasil.

sim não
Explique por que ? _____.

097 – Qual a sua renda mensal no Japão ? (**total em Yenes**)

menos de 100 mil yenes de 301 a 350 mil yenes
 de 101 a 150 mil yenes de 351 a 400 mil yenes
 de 151 a 200 mil yenes de 401 a 450 mil yenes
 de 201 a 250 mil yenes de 451 a 500 mil yenes
 de 251 a 300 mil yenes mais de 500 mil yenes

098 – Quanto você consegue poupar por mês ?

- menos de 100 mil yenes
- de 101 a 150 mil yenes
- de 151 a 200 mil yenes
- de 201 a 250 mil yenes
- de 251 a 300 mil yenes
- de 301 a 350 mil yenes
- de 351 a 400 mil yenes
- de 401 a 450 mil yenes
- de 451 a 500 mil yenes
- mais de 500 mil yenes
- não consegue poupar nada

099 – O que faz com o dinheiro que poupa ?

- deixa em banco japonês
- deixa em banco brasileiro aqui no Japão
- envia para bancos brasileiros
- investe em telefones
- investe em terrenos e/ou casas
- investe em carros
- envia para consumo da família no Brasil
- outros. Especifique: _____.

100 – Quanto gasta por mês para viver ?

- menos de 100 mil yenes
- de 101 a 150 mil yenes
- de 151 a 200 mil yenes
- de 201 a 250 mil yenes
- de 251 a 300 mil yenes
- de 301 a 350 mil yenes
- de 351 a 400 mil yenes
- de 401 a 450 mil yenes
- de 451 a 500 mil yenes
- mais de 500 mil yenes

101 – Compra produtos brasileiros ?

- comida
- roupas
- CDs
- outros. Quais ? _____.

102 – Em sua casa, a preferência é por ?

- comida brasileira
- comida japonesa
- o dois tipos

103 – Está filiado a algum tipo de seguro saúde ?

- nenhum
- Shakai Hoken
- seguro de aposentadoria brasileiro

- Kokumin Kenko Hoken
- seguro de acidentes pessoais japonês
- outro. Qual ? _____.

104 – Dentro da sua experiência de trabalho no Japão, já sofreu ou já presenciou algum tipo de acidente ?

- sim
- não

105 – Caso sim, como foi o atendimento médico ?

- péssimo
- razoável
- bom
- muito bom

106 – Quem arcou com os custos médicos (tratamento em geral) ?

- a empresa
- a empreiteira
- pagou sozinho(a)
- necessitou de ajuda: família/amigos
- Outros. Quais ? _____.

107 - Para outras questões (relativo a saúde), se utilizou de serviços **(médico-hospitalar)** japonês, considera o tratamento ?

- péssimo
- razoável
- bom
- muito bom

Por que ? _____.

108 – Quanto a (**saúde dentária**), considera os serviços ?

- péssimo
- razoável
- bom
- muito bom

109 – Antes de vir para o Japão, possuía casa própria no Brasil ?

- sim
- não
- pretendo comprar

110 – Já comprou sua casa própria ?

- sim
- não
- pretendo comprar

111 – Que tipo de imóvel comprou ou pretende comprar ?

116 – Qual o tamanho da sua moradia ?

- apartamento com um quarto
- apartamento com dois quartos
- apartamento com mais de dois quartos
- casa com dois quartos
- mansion com um quarto
- mansion com dois quartos
- mansion com mais de dois quartos

117 – Comparado com (espaço/localização/conforto) de sua morada no Brasil, aqui você mora de forma ?

- péssima
- razoável
- boa
- excelente

Justifique: _____.

118 – Caso morando com amigos, como é seu relacionamento com eles ?

- péssimo
- bom
- ruim
- ótimo
- razoável
- indiferente

Comente por que ? _____.

119 – Como é o seu relacionamento com os brasileiros da região onde mora ?

- péssimo
- bom
- ruim
- ótimo
- razoável
- indiferente

120 – Seus vizinhos, são japoneses ou brasileiros ?

- brasileiros
- japoneses
- ambos
- outros. Quais ? _____.

121 – Como é o seu relacionamento com eles ?

- péssimo
- bom
- ruim
- ótimo
- razoável
- indiferente

122 – Dos itens abaixo, quais você possui ?

- televisão vídeo
 máquina de lavar aparelho de som
 geladeira micro ondas
 laser disco ar condicionado
- câmera fotográfica filmadora
 bicicleta moto
 outros. Quais ? _____.

123 – O que pretende comprar ?

- televisão MD
 máquina de lavar vídeo
 geladeira aparelho de som
 laser disco micro ondas
 computador ar condicionado
 filmadora DVD
 moto fax
 carro Câmera fotográfica
 bicicleta outros. Quais ? _____.

124 - O que pretende levar quando retornar ?

- televisão vídeo
 bicicleta aparelho de som
 laser disco micro ondas
 computador ar condicionado
 filmadora DVD
 fax câmera fotográfica
 MD outros. Quais ?

125 – Possui carteira e motorista ?

- brasileira japonesa
 Internacional não possui

126 – Caso possua automóvel no Japão, como ele é ?

- novo usado
De que ano ? _____.

127 – Possui ou possuía carro no Brasil ?

não possuía

sim, novo

sim, usado

De que ano ? _____.

128 – Está pensando em comprar carro no Japão ?

não

sim, novo

sim, usado

De que ano ? _____.

129 – Está pensando em comprar carro no Brasil ?

não

sim, novo

sim, usado

De que ano ? _____.

TURISMO/LAZER

130 – Você costuma fazer turismo no Japão ?

sim

não

131 – Quais pontos turísticos conhece ?

Kyoto/Nara

Monte Fuji

Okinawa

Yokohama

Tókyo Disney

Hokkaido

Outros. Quais ? _____.

132 – Enquanto estiver no **Japão**, pretende viajar ?

sim não

Por que ? _____.

133 – Na sua estadia aqui no Japão, pretende conhecer outros países ?

sim não

Quais ? _____.

134 – Assim que voltar para o **Brasil**, pretende viajar ?

sim não

Por que ? _____.

135 – Caso sim, para onde ?

sul sudeste
 centro-oeste norte
 nordeste outros países

136 – Frequenta e/ou frequentou “Snacks” ?

sim não

Por que ? _____.

137 – Frequenta ou já frequentou “Pachinkos” ?

sim não

Por que ? _____.

138 – Tinha o hábito de fumar no **Brasil** ?

sim não

139 – E no **Japão**, tem o hábito de fumar ?

sim não

140 – **Caso sim**, no Japão ?

fuma menos que no Brasil

fuma a mesma quantidade

fuma mais

parou de fumar

Por que ? _____.

141 - Tinha o hábito de consumir bebidas alcoólicas no **Brasil** ?

sim não

142 – E no **Japão** ?

sim não

143 – **Caso sim**, bebe ?

as vezes (em festa)

no final de semana

todos os dias

outro. Especifique: _____.

144 – Freqüenta Karaokês ?

sim não

145 – Freqüenta danceterias ou espaços dançantes ?

sim não

146 – Joga Boliche ?

sim não

147 – O que mais gosta de fazer para matar a saudades do Brasil ?

escreve cartas

frequenta lugares de reuniões de brasileiros

come comida brasileira

aluga fitas de programas do Brasil

telefona

todas as alternativas anteriores

outras. Quais ? _____.

148 – Quanto gasta por mês com diversão (**lazer**) ?

- menos de 10 mil yenes de 41 a 50 mil yenes
 de 10 a 20 mil yenes de 51 a 70 mil yenes
 de 21 a 30 mil yenes de 71 a 100 mil yenes
 de 31 a 40 mil yenes mais de 100 mil yenes

149 – No que se refere a utilização, o sistema ferroviário (**trens em geral**) é ?

- complicado
 mais ou menos
 fácil
 outro. Especifique: _____.

150 – Quanto ao sistema rodoviário, considera ?

- complicado
 mais ou menos
 fácil
 outro. Especifique: _____.

151 – Quanto a utilização de ônibus urbanos, considera o sistema ?

- complicado
 mais ou menos
 fácil
 outro. Especifique: _____.

CONSIDERAÇÕES GERAIS

152 – Já sofreu e/ou presenciou algum tipo de discriminação em relação a condição de ser estrangeiro no Japão ?

- sim não

153 – **Caso sim**, conte resumidamente como foi:

154 – Possui amigos brasileiros ?

sim não

155 – Possui amigos japoneses ?

sim não

156 – Possui amigos de outras nacionalidades (latinos, europeus, americanos, etc.) ?

sim não

157 – O que mais admira no **Japão** ?

- estilo de vida
- alegria do povo
- segurança
- educação do povo
- empregos e salários
- outros. Especifique ? _____.

158 – O que mais admira no **Brasil** ?

- estilo de vida
- alegria do povo
- segurança
- educação do povo
- empregos e salários
- outros. Especifique ? _____.

159 – Você pena em ficar definitivamente no Japão ?

sim não

Por que ? _____.

160 – Qual é o seu maior dilema depois que veio ao Japão ?

- estou confuso entre ser brasileiro ou japonês
- sou operário no Japão, e no Brasil não era
- era classe média no Brasil, mas aqui sou classe baixa
- nada disso me preocupa e nem me deixa insatisfeito
- outros. Especifique: _____.

161 – Se for voltar definitivamente para o Brasil, para qual cidade e estado brasileiro pretende voltar ?

- a) nome da cidade: _____.
- b) Estado: _____.

162 – Voltará a exercer a mesma profissão/trabalho que tinha antes de vir para o Japão ?

- sim
- não
- não sabe

163 – O que pretende fazer quando voltar ao Brasil ?

- abrir o próprio negócio
- comprar a casa própria
- fazer faculdade
- outros. Especifique: _____.

164 – No **Brasil**, era filiado a algum Sindicato de classe ?

- sim. Qual ? _____
- não

165 – No **Japão**, é filiado ao Sindicato de sua categoria ?

- sim. Qual ? _____
- não

166 – No **Japão**, conhece alguém filiado ou que seja membro de algum Sindicato ?

- sim. Qual ? _____
- não

167 – Conhece o **Centro Nikkey** – Centro de Estabilização de Emprego nas Indústrias ?

sim não

168 – Caso sim, já chegou a usufruir dos serviços por eles prestados ?

sim não

Qual ? _____.

169 – a Prefeitura e/ou Associações Internacionais da cidade e/ou região de onde mora, oferece que tipo de serviços para o estrangeiros ?

- folhetos informativos
- tradutores para serviços internos
- tradutores para serviços externos. Ex.: hospitais, escolas, etc.
- organiza festejos entre estrangeiros e japoneses
- desconhece os serviços prestados por eles
- cidade e/ou região não existe tais instituições
- outros serviços. Quais ? _____.

170 – Costuma freqüentar as atividades comemorativas realizadas na cidade e/ou região (**Prefeitura, escola e empresa**).

sim não desconheço as vezes

171 – Das atividades abaixo, quais já participou ?

- a) **Empresa:** Undokai – esporte e lazer
- Bonenkai – confraternização de final de ano
 - Nomikai – confraternização
 - Happyo - reunião de trabalho e festa
 - Excursões – promovido pela empresa
 - outros. Especifique: _____.

- b) **Escola:** Undokai – esporte e lazer
- Jigyō Sanka – Acompanhamento escolar
 - Minasesai Gashō Nobu – competições
 - Sotsugyō Shiki – formatura
 - outras. Especifique: _____.

- c) **Moradia :** mutirão de limpeza
- treinamento para terremotos

(obrigado pela participação)

IMPORTANTE

Assim que concluir o preenchimento das questões, utilize o (envelope em anexo) para colocá-lo no correio.

Dados Pessoais

01 – Nome completo: _____.

02 – Endereço no **Japão**: _____.

03– Contato/Endereço/Telefone (**no Japão**):

04 – Contato/Endereço/Telefone (**Brasil**):

05 – Nome da empresa onde atualmente trabalha:

06 – Produtos (s) fabricado (s) pela Empresa:

07 – Nome da empreiteira:

08 – (**Se proprietário**) de empresa – nome da empresa:
